

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARINA ANDRADE PINHEIRO

A PRODUÇÃO DE TEXTOS
EM UM QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO

CAMPINAS
2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARINA ANDRADE PINHEIRO

A PRODUÇÃO DE TEXTOS
EM UM QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO

Monografia apresentada como exigência parcial para a conclusão do curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Unicamp, sob orientação da Profª Drª Roseli Aparecida Cação Fontana.

CAMPINAS
2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

P655p

Pinheiro, Marina Andrade, 1990-

A produção de textos em um quarto ano do ensino fundamental : imaginação e criação / Marina Andrade Pinheiro. – Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Roseli Aparecida Cação Fontana.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Produção de textos. 2. Escrita. 3. Leitura. 4.
Imaginário. I. Fontana, Roseli Aparecida Cação, 1952- II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

12-243-BFE

Profª Drª Roseli Aparecida Cação Fontana
(Orientadora)

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado
(2º leitor)

A todas as crianças do quarto ano que, com suas histórias, permitiram que esse trabalho passasse do imaginário ao real.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter permitido a realização desse sonho.

Aos meus queridos pais, pois foram eles que me deram as bases afetivas e também materiais para que eu chegasse até aqui.

Ao meu namorado Thiago, por toda a compreensão, apoio e pensamento positivo ao longo dessa jornada.

Aos professores da Faculdade de Educação da UNICAMP que, ao longo desses cinco anos de graduação, me proporcionaram o conhecimento necessário para a minha docência e também para o desenvolvimento desse trabalho.

À querida professora e orientadora Roseli Aparecida Cação Fontana que além de todo o conhecimento e auxílio, será inesquecível em minha vida e um modelo de professora a ser seguido.

À diretora e vice-diretora da escola que permitiram a realização do projeto de estágio base deste trabalho de conclusão de curso.

À professora do quarto ano que abriu espaço para o desenvolvimento do projeto em sua sala de aula.

E, não menos importante, às crianças que, ao aceitarem a minha proposta e criarem suas histórias, tornaram-se parte especial de todo esse trabalho.

RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo o desenvolvimento de um estudo sobre o processo de produção textual em uma turma de quarto ano do ensino fundamental, tendo como base os contos de fadas. Seu ponto de partida foi a leitura e análise dos elementos básicos desse gênero. Objetivaram-se produções que não fossem recontos e sim criações das próprias crianças, nas quais se procurou apreender como se combinavam as referências textuais conhecidas pelas crianças e suas experiências culturais. A análise desse material foi feita com base nos apontamentos de Vigotski acerca do imaginário infantil e dos processos de criação.

Palavras-chave: produção textual – escrita – leitura - imaginário.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
PARTE I – O PROJETO DE ESTUDO.....	9
1.1. A imaginação e os contos de fadas.....	10
1.2. A pesquisa: objetivos e escolhas metodológicas.....	21
1.2.1. A escola e a sala de aula.....	23
PARTE II – TRABALHANDO O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE TEXTO COM UMA TURMA DE QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	27
2.1. Os contos de faz que as crianças já conheciam e a reescrita desses contos.....	28
2.1.1.Histórias escolhidas pelas crianças para a reescrita.....	29
2.1.2.Características próprias do gênero Conto de Fadas.....	30
2.1.3.Forma como as crianças reescreveram seus contos.....	33
2.1.4. Experiências pessoais inseridas nas histórias.....	35
2.1.5. Observações sobre o uso da língua escrita e seus recursos.....	36
2.2. “Inventando meu conto de fadas”	39
2.3. O livro de histórias do quarto ano.....	51
2.3.1. Análise das histórias criadas pelos alunos.....	52
O APRENDIZADO: BREVES COMENTÁRIOS A GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71

INTRODUÇÃO

*A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas
Age como um deus doente, mas como um deus.
Porque embora afirme que exista o que não existe
Sabe como é que as cousas existem, que é existindo,
Sabe que existir existe e não se explica,
Sabe que não há razão nenhuma para nada existir,
Sabe que ser é estar em algum ponto
Só não sabe que o pensamento não é um ponto qualquer.
(A criança que pensa em fadas – Alberto Caeiro)*

Dizem que a imaginação não faz parte do mundo real. Ouvi isso muitas e muitas vezes ao longo de minha infância e adolescência, pois fui uma menina sonhadora e fantasiosa. Gostava muito dos contos de fadas e ouvi várias vezes a crítica de que contos de fada eram coisas da fantasia e que fantasia não tem nada a ver com o real. No entanto, em minha convivência com esses contos, sentindo-me meio fada, meio bruxa, meio princesa, a fantasia me ajudou, muitas vezes, a lidar com a vida real. Eu me via como um cavaleiro com sua espada ao lutar pelos meus objetivos. Outras vezes, quando era impedida de sair de casa, sentia-me como uma princesa aprisionada em uma alta torre imaginária. Consolavam-me as promessas de sua libertação.

Diante das críticas que ouvia eu me perguntava que mundo real seria este, se não fosse a nossa imaginação?

A força das lembranças da infância mediada por castelos, torres, florestas sombrias, sapatinhos de cristal, dragões, cavaleiros, carruagens, reis, magias, gigantes bruxas, fadas, magias motivou a escolha do tema de meu trabalho de conclusão de curso porque eu me perguntava se aquilo que eu vivera intensamente era uma experiência comum a toda criança, se seria própria da infância essa capacidade de se colocar em lugares imaginários e provar dos efeitos reais de sua mediação.

Estes questionamentos deram origem a meu projeto de pesquisa. Mediada por eles procurei entender o que são os contos de fadas, como participam da experiência humana em geral e das experiências da criança, em particular, e também, como a escola participa dessas relações.

Para desenvolvê-lo, estudei sobre os contos de fadas e sobre sua importância para o desenvolvimento cultural daqueles que têm acesso a eles. Esses estudos me levaram a um conhecimento mais aprofundado do que seja a imaginação infantil a partir do ponto de vista apresentado por Vigotski.

Busquei, em seguida, alguns trabalhos acadêmicos já realizados que envolveram este tipo de narrativa fantástica em seus estudos e trabalhos com crianças.

Com base nessas leituras elaborei um projeto de produção textual, centrado na criação de contos a partir da leitura de contos de fadas, que foi desenvolvido com uma turma de quarto ano de ensino fundamental ao longo de meu estágio curricular na escola. Nessas produções procurei apreender como as crianças se utilizavam dos contos conhecidos para criar suas histórias, assumindo a tese de Vigotski de que a imaginação assenta-se nas referências e experiências dos sujeitos.

Neste texto apresento, inicialmente, as referências teóricas em que me baseei. Em seguida descrevo o processo de construção deste Trabalho de Conclusão de Curso partindo da definição de seus objetivos, passando pela escolha metodológica que o guiou, pelo processo de inserção na escola, até chegar à produção realizada com as crianças e a análise desse material.

PARTE I
O PROJETO DE ESTUDO

1.1. A IMAGINAÇÃO E OS CONTOS DE FADAS

Conforme Vigotski (2009), se procurarmos apreender as especificidades das condutas humanas, perceberemos que em todas as atividades distinguem-se dois tipos básicos de impulsos: o reprodutor e o criador.

O impulso reprodutor é estreitamente vinculado à memória e se caracteriza por repetir normas de conduta já criadas. Sua importância é permitir que as experiências vividas permaneçam, ajudando o homem a conhecer o mundo que o rodeia, criando e fomentando comportamentos que se repetem em circunstâncias idênticas. Esse processo de base orgânica, sinaliza Vigotski, assegura a adaptação do homem.

No entanto, a atividade humana não é estritamente adaptativa. Os homens combinam experiências anteriores e criam novas possibilidades de ação, projetando inclusive o futuro, aquilo que ainda não é. “A psicologia”, diz Vigotski, “chama de imaginação ou fantasia a essa atividade criadora do cérebro humano baseada na combinação” (op.cit., p.12). São estas atividades criadoras que capacitam o homem a criar novas imagens ou ações, permitindo a adaptação diante de modificações novas ou inesperadas no mundo que o cerca e nas relações que vivencia: “O cérebro [...] combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento.” (VIGOTSKI, 2009, p.14)

Sendo assim, a criação é uma regra e não uma exceção que pertence somente aos gênios, pois tudo o que foi feito pelas mãos do homem é produto da imaginação e criação humana: “Todos os objetos da vida cotidiana, sem excluir os mais simples e comuns, são imaginação cristalizada.” (VIGOTSKI, 2009, p.15)

A psicologia confere à imaginação e à fantasia um sentido distinto de seu uso no senso comum. Ordinariamente, a imaginação é relacionada ao que não é real, ao

que não se ajusta à realidade e não tem valor prático. Vigotski (2009) contesta veementemente esse sentido das palavras imaginação e fantasia dizendo que é com base na atividade criadora que o homem produziu a cultura, elemento que o distingue das demais espécies. A atividade criadora se manifesta em todos os aspectos da vida cultural, na medida em que possibilita a criação artística, científica e técnica. Entendidas no sentido de atividade criadora humana, a imaginação e a fantasia estão em tudo o que nos rodeia e foi criado pelo trabalho humano, pois todo o mundo da cultura, antes de realizar-se na prática, esteve unido à imaginação mediante novas combinações e correlações de experiências anteriores.

Se entendermos a imaginação como uma das bases do processo criador e do desenvolvimento histórico-cultural dos seres humanos, reconheceremos que ela é uma questão de interesse para a psicologia infantil e para a pedagogia, pois desempenha um papel tão importante quanto o da memória no desenvolvimento geral da criança.

Essa atividade criadora manifesta-se já na mais tenra infância nas brincadeiras infantis. A brincadeira, o jogo, não é uma simples recordação de impressões vividas, mas uma reelaboração criativa delas, um processo através do qual a criança combina entre si os dados da experiência, produzindo novos sentidos para o real, em resposta a suas curiosidades e necessidades.

Através do faz-de-conta “a criança torna-se capaz de acessar, interpretar, significar e modificar a realidade e a si própria.” (PIMENTEL, 2007, p.227). Além disso, o faz-de-conta propicia às crianças uma oportunidade de vivenciarem nas situações imaginárias experiências de adultos, as quais exigem uma conduta auto-regulada e a criação de soluções, como ressalta Mello (2005) ao dizer que, nas crianças de 3 a 6 anos, o faz-de-conta é capaz de

favorecer as principais mudanças psicológicas na personalidade infantil, uma vez que, ao se colocar no papel do outro, a criança assume um comportamento compatível com o personagem representado, em geral de mais idade que ela e com atitudes mais complexas e intencionalmente controladas. (p.35)

Através do próprio brincar as crianças criam situações imaginárias e seguem um comportamento regrado que, a princípio, são derivadas das representações simbólicas dos objetos.

Por exemplo, uma boneca representa um bebê e a ação de ninar a boneca corresponde à regra implícita de imitar a mãe. Gradativamente essa ação inverte-se: as regras passam a ser explícitas e a situação imaginária oculta-se, como acontece nos jogos de tabuleiro e de competição. (PIMENTEL, 2007, p.228)

É nessas brincadeiras que a criança começa a agir independentemente daquilo que vê, mas sem os elementos conhecidos da experiência anterior não existiria criação, pois a criação não surge do nada: “É essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação.” (VIGOTSKI, 2009, p.17)

Em outras palavras, a imaginação é a combinação de elementos tomados da experiência humana. A combinação pode não corresponder à realidade imediata, mas seus elementos dela são provenientes: “os elementos primários dos quais se cria uma representação fantástica distante da realidade serão sempre impressões da realidade.” (VIGOTSKI, 2009, p.22)

A grande reserva de experiências anteriores permite que a imaginação mobilize e produza imagens mentais, daí Vigotski assinalar que embora a imaginação infantil seja para alguns algo fascinante, ela pode ser maior no adulto do que na criança. A infância é apenas o começo, pois, trabalhando apenas com materiais colhidos da realidade, a imaginação depende diretamente do acúmulo de experiências (VIGOTSKI, 2009, p.14). Nesse sentido, cabe destacar que ao contrário do que diz o senso comum, a imaginação infantil não é tão rica, pois a criança não possui tanto material disponível para a sua imaginação. A grande diferença entre a criança e o adulto é que ela somente “confia mais nos produtos de sua imaginação e os controla menos” (2009, p.46). A independência que a imaginação das crianças apresenta em relação à razão não seria, portanto, expressão de riqueza, mas sim de pobreza: “não só o material do qual se constrói a imaginação é mais pobre na criança do que no adulto como também o caráter, a qualidade e a diversidade das combinações que se unem a esse material rendem-se de modo significativo às combinações dos adultos” (VIGOTSKI, 2009, p.47).

Criar não é fácil e “não se reduz ao devaneio ou a uma capacidade fantasiosa de caráter estritamente individual. Se desenvolvimento é de natureza social.”¹ Daí a importância de nutrir a criança com um ambiente rico de referências que alonguem

¹ Comentário de Ana Luiza Smolka presente na página 59 da edição brasileira, publicada em 2009, do livro de Vigotski “Imaginação e arte na infância”.

seus horizontes imaginativos em todas as direções, como acontece na escuta ou leitura de uma narrativa, seja ela ficção (como os contos de fadas) ou uma história vivenciada por outras pessoas.

Ouvindo o outro que conta, a criança aprende a “fabular”. Diante de situações vividas ela elabora explicações e soluções, combinando elementos tomados de suas experiências anteriores. Segundo Vigotski (2009), a atividade criadora da imaginação relaciona-se diretamente com a riqueza e variedade das experiências acumuladas, do contato com outras linguagens, como o desenho, a música, a dança, as novas tecnologias, etc., pois é a linguagem o mediador fundamental que torna possível imaginar com base na experiência social.

É pela linguagem que cada indivíduo acessa as experiências alheias e pode delas compartilhar, alimentando suas próprias referências e experiências sem o contato imediato com o real. Vigotski (2009) exemplifica essa condição da imaginação lembrando que muitas vezes imaginamos a partir dos relatos e estudos de outras pessoas. Diz ele que podemos ter uma ideia do deserto do Saara sem nunca termos estado lá, através do relato de um viajante, e que esse relato se integra a elementos elaborados e modificados da realidade que já constituem nossa própria experiência como as imagens da aridez, do areal, de espaços imensos e até mesmo de animais que vivem nos desertos.

O mesmo acontece com os cenários e personagens de contos de fadas. Temos algumas ideias reais de um gato, de um sapo, de um príncipe, de uma carruagem que nos permitem entender produtos irrealis como um gato de botas, ou um sapo que vira príncipe ou uma abóbora que se transforma em uma carruagem. Da mesma forma que em relação ao deserto, elementos do real, do qual já temos imagens consolidadas, nos permitem entender criações irrealis produzidas por outras pessoas e compartilhar delas.

Nesse sentido, diz Vigotski (2009), a imaginação converte-se em um meio de ampliar a experiência humana, tornando-nos capazes de nos relacionar e formar imagens de coisas e de situações que nunca vimos ou vivemos diretamente, mediados pela palavra do outro.

As relações entre imaginação e realidade passam também pelos enlaces emocionais. Do mesmo modo que os seres humanos aprenderam a externar seus sentimentos mediante suas expressões corporais e verbais, também criaram imagens e combinações de elementos do real que servem de expressão a seus

sentimentos, tais como os sentidos atribuídos às cores ou as emoções sentidas por personagens imaginários que nos afetam como se fossem nossas.

Há uma significativa diferença entre a imaginação sonhadora, que permanece na esfera interna, num estado mal elaborado, e a imaginação criadora, que tende a confirma-se não só para o inventor como para todas as outras pessoas. Logo, existe um objetivo ao inventar e “a construção da imaginação tem a tendência de encarnar-se na vida” (VIGOTSKI, 2009, p.58).

O círculo completo da atividade criadora da imaginação ocorre quando a construção da fantasia adquire uma concretude material. É o caso dos dispositivos técnicos que modificam a própria realidade ao tornarem-se elementos reais e das obras de arte literárias que exercem sua influência sobre a consciência social das pessoas.

Todavia, o mecanismo da imaginação criativa é composto por processos complexos que são explicados sinteticamente por Vigotski (2009) da seguinte forma: primeiro, há a acumulação das percepções externas e internas que, posteriormente, dissociam-se: algumas dessas partes destacam-se, umas conservam-se, outras serão esquecidas. Esses elementos dissociados são modificados sob a influência de fatores internos que as distorcem e reelaboram, para depois serem associados, combinados e organizados em um sistema complexo que possui uma lógica interna. Para que ocorram esses processos, é importante dizer que “na base da criação há sempre uma inadaptação da qual surgem necessidades, anseios e desejos.” (VIGOTSKI, 2009, p.40). Essas necessidades, anseios e desejos são estímulos, molas propulsoras. Porém, é o acúmulo de conhecimentos, técnicas e instrumentos que torna possível a passagem da imaginação para a realidade. Sem esses conhecimentos, a imaginação não pode se concretizar.

Se na primeira infância uma das principais formas de criação registra-se nos desenhos, no início da idade escolar esse interesse pelo desenhar enfraquece e as crianças passam a ser incitadas à criação literária. Entretanto, como a escrita possui leis próprias “que se diferenciam parcialmente das leis da oralidade e ainda são pouco acessíveis para as crianças” (VIGOTSKI, 2009, p.64), é normal que suas criações literárias sejam imperfeitas e que as crianças apresentem dificuldade em expressar seus pensamentos através das palavras:

A transição para a escrita descolore e dificulta, de imediato, a expressão das crianças. O pesquisador austríaco Linke concluiu que, ao se comparar a

descrição escrita e a narrativa oral da criança, verifica-se que as de sete anos escrevem tal qual falam as de dois anos. (VIGOTSKI, 2009, p.85)

Enquanto na primeira infância o desenhar oferece a possibilidade de expressar com mais facilidade aquilo que a domina (VIGOTSKI, 2009, p.62), na adolescência é a palavra que “com muito mais facilidade do que o desenho [...] permite transmitir relações complexas, principalmente as de caráter interno.” (Idem, p.74) Na puberdade, período em que a imaginação caracteriza-se pela ruptura, transgressão e busca de um novo equilíbrio, há o desaparecimento do interesse pelas brincadeiras da primeira infância, pelo desenho, pelos contos de fadas. A atividade da imaginação mais difundida nessa idade é a criação literária.

Mas a criação literária nos primeiros anos da escolarização possui uma importância essencial, pois assim como a brincadeira é necessária para o desenvolvimento do imaginário da criança, “a criação literária infantil o é, antes de mais nada, para desencadear, adequadamente, o empenho do próprio autor.” (VIGOTSKI, 2009, p.91)

No processo de desenvolvimento do imaginário, escutar histórias é uma experiência de grande importância. Para Nabokov (*apud* Rizzoli)

a narrativa representa um ponto delicado de encontro entre a imaginação e o conhecimento. Ela pode, assim, representar um terreno fértil onde se pode fazer brotar a imaginação e abrir caminhos criativos, enquanto situações mais rígidas e mais definidas podem inibir o desenvolvimento dessa criatividade e dessa imaginação da criança. (RIZZOLI, 2005, p.9)

As narrativas que chamamos em português de contos de fadas, apesar de as fadas não aparecerem obrigatoriamente em todas essas histórias, que marcaram a minha infância de um modo especial, distinguem-se de outros gêneros literários. Elas são narrativas que, segundo Ana Maria Machado (2010), apresentam uma universalidade e uma vizinhança com a infância, são repletas de carga afetiva e possuem uma filiação ao maravilhoso, no qual tudo pode acontecer. Ela ainda ressalta outro aspecto, o do pertencimento desses contos à cultura oral.

Trata-se de contos populares, de uma tradição anônima e coletiva, transmitidos oralmente de geração a geração e transportados de país em país. Muitos deles foram depois recolhidos em antologias por estudiosos, com maior ou menor fidelidade à versão original de seus contadores e contadoras. (MACHADO, 2010, p. 9-10)

Entre essas antologias destacam-se a dos Irmãos Grimm, as de Andersen e de Perrault.

Como destaca Philippe Ariès (1981), no início do século XVII, século em que Perrault publicou sua coleção de contos de fadas, esses contos - chamados de os contos de Melusina - eram destinados aos adultos. Pouco a pouco foram sendo abandonados pelos nobres, pela burguesia e até mesmo pelo povo do campo, passando a se configurar como um gênero destinado apenas ao público infantil.

Perrault recontava histórias da tradição popular por ele recolhidas, com o fim de divertir os nobres da corte de Versalhes. Tendo em conta o público a quem se dirigia, Perrault, segundo Bruno Bettelheim, psicanalista estudioso dos contos de fadas (1997, p. 97), eliminava passagens que considerava grotescas ou vulgares, embelezava as histórias, acrescentava comentários e preceitos morais e usava de afetação “fingindo que os contos eram escritos por seu filho de dez anos, que dedicava o livro à princesa”.

Os Irmãos Grimm, que viveram no século XVIII, recolheram narrativas populares de pessoas humildes e não raramente analfabetas em suas andanças pela Alemanha e interessaram-se, sob a influência do romantismo, em construir um monumento vivo da língua alemã numa Alemanha subjugada por Napoleão (RODARI, 1982, pp. 49-50).

Sílvia Oberg (2008), ao escrever a apresentação do livro “Contos de Fadas dos Irmãos Grimm”, afirmou que na versão deles os conflitos internos do ser humano não foram retirados, bem como as marcas da linguagem e dos valores populares contidos nas narrativas recolhidas.

Andersen viveu no século XIX e, como os Irmãos Grimm, partiu das fábulas de seu país, a Dinamarca, guardadas e revividas em sua memória. Para ele, recontá-las, segundo Rodari (op.cit.), era um modo de reaproximar-se de sua infância. Diferentemente dos Irmãos Grimm, ele não se preocupou, especificamente, em dar voz a seu povo.

Oberg, na breve história da narrativa oral que reconstitui na apresentação dos contos dos Irmãos Grimm, sinaliza que essa é uma tradição advinda desde os homens pré-históricos, que foi mantida nos tempos medievais e chegou até os dias de hoje porque transmite culturas e tradições, além de “saciar a fome das pessoas por fantasia e por narrativas...” (2008, p.9).

Preocupada em diferenciar os contos de fadas dos mitos, Oberg afirma que nos primeiros os heróis são mais humanos e enfrentam provas que os levarão a um amadurecimento, enquanto nos mitos os heróis apresentam características de uma parcialidade divina. Por abordarem “questões fundamentais para a humanidade”, os contos de fadas “resistiram à passagem do tempo e se universalizaram.” (OBERG, 2008, p.9).

Marie-Louise von Franz, ao escrever o livro “Interpretação dos Contos de Fadas”, afirmou que os temas básicos dos contos de fadas pouco mudaram, definindo contos de fadas da seguinte forma:

Enquanto for o “moleiro Fulano de Tal”, é ainda uma saga local, mas quando se tornar: “Uma vez um moleiro saiu para caçar raposa...”, então começa a se tornar um conto de fadas, uma história mais geral, que pode migrar de uma cidade para outra, pois não mais se refere a um moleiro específico, nem a um homem em particular. É muito provável que essa afirmação de Lüthi esteja certa: os contos de fadas são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente contada e retida na memória, pois desta forma, toca mais diretamente as pessoas. (FRANZ, 1990, p.33)

Sua interpretação dos contos realizou-se através de uma abordagem da psicologia junguiana. Foram destacados pontos importantes a serem observados em uma história de contos de fadas: o tempo, o lugar, as pessoas envolvidas, a exposição do problema, os altos e baixos da história e o final desta. Ela também escreveu sobre a importância destes para as crianças. Aproximando-se dessa visão, Chavtal escreveu um artigo titulado “Contos de Fadas: histórias para crianças ou metáforas para a vida humana?”, no qual afirmou que “da mesma forma que os mitos, os contos de fadas, plastificando os sonhos, falam de uma realidade individual e coletiva que faz parte da nossa vida cotidiana, como uma das formas do existir humano, arquetípica.” (CHAVTAL, s/data, p.1)

Por sua vez, Bruno Bettelheim (1978), através de uma análise psicanalítica, relacionou e interpretou os contos de fadas utilizando categorias e conceitos desta linha de conhecimento. Sua análise englobou contos famosos, como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, João e Maria, Branca de Neve, Cachinhos de Ouro e Os Três Ursos, A Bela Adormecida, As três plumas, entre outros. Em suas análises, utilizando-se das categorias da psicanálise, o autor abordou a necessidade infantil da magia e explicitou como os contos de fadas davam sentido às experiências infantis ao colocar as crianças de frente a um mundo onde os sentimentos de

agressividade pudessem ser reconhecidos ao invés de simplesmente recalçados.

Colasanti, quando conseguiu ter seu primeiro livro de contos de fadas impresso por uma editora, escreveu na apresentação da sua obra que ela não o fez para uma determinada idade. Ela afirma que com o passar do tempo “muda a realidade externa. Mas a nossa realidade interior, feita de medos e fantasias, permanece inalterada. E é com esta que dialogam as fadas interagindo simbolicamente, em qualquer idade, e em todos os tempos.” (1979, p. 4).

Ela relatou em seu livro “Fragatas para Terras Distantes” que desde pequena já freqüentava o mundo fantástico, através da voz da sua mãe. Na época da segunda guerra mundial, os contos de fadas eram seus amigos, sua fuga para o mundo mágico. Colasanti traz idéias para a reflexão da importância que os contos de fadas possuem na vida das pessoas, sejam estas crianças, jovens ou adultos, pois “o que constitui os contos de fadas, no sentido mais profundo, é a aparente gratuidade de certos elementos que surgem sem explicação e sem necessidade para a estrutura da história, mas que se revelam poderosos no estabelecimento de um diálogo inconsciente.” (COLASANTI, 2004, 43-44).

Jardim ainda acrescentou um pouco mais sobre a importância do conto para os homens e também a respeito da literatura de Marina Colasanti ao dizer que esta,

enveredando pela linha do maravilhoso e partindo do modelo do conto de fadas, aproxima-se da corrente do realismo fantástico, ao provocar o estranhamento e a sensação de que estamos penetrando num universo onírico, em que as fronteiras entre o real e o irreal se desvanecem. (JARDIM, 2003, p.221)

Por último, não posso deixar de citar a importância atribuída aos contos de fadas pelo próprio Einstein (*apud* Rizzoli, 2005, p.10), quanto este, ao ser questionado sobre qual seria a melhor maneira de cultivar o interesse pela ciência nas crianças,

sugeriu que se contassem muitos e muitos contos de fadas para as crianças. Segundo ele, somente quando a criança tem uma grande dose de curiosidade é que ela vai se sentir interessada a enfrentar situações específicas e seus desdobramentos. Se a criança desenvolver a imaginação, se ela tiver a curiosidade desenvolvida, ela poderá responder às várias situações que surgirão durante a vida e solucionar problemas futuros.

Encontrei também trabalhos acadêmicos que se voltaram para a relação das crianças com os contos de fadas.

Abramowicz (1997,1998), analisa as imagens de mulheres que são passadas pelos contos de fadas na versão de Perrault. Ela destaca que a pobreza é apresentada de modo negativo, marcada pela tristeza e pela amargura. O trabalho manual e principalmente o doméstico, tal como aparecem em Cinderela, por exemplo, é dado como um ofício opressivo, repetitivo, de submetimento. Para ter um final feliz, é preciso que o personagem do conto abandone esse trabalho.

Quando as meninas escutam essas histórias reais, aprendem com elas e buscam algo melhor para seus futuros. Ouvindo e analisando histórias contadas oralmente por mulheres e meninas pobres, a autora identifica que assim como nos contos de Perrault, essas narrativas também contêm valores, crenças e lições de moralidade e que as mulheres também se valem da magia presentes nos contos de fadas para “liberar os contos de seu próprio discurso” (ABRAMOWICZ, 1997,p.19).

Argento (2002) refere-se aos contos de fadas, em especial ao do Patinho Feio, e também a outros livros de autores mais recentes, como “Menina Bonita do Laço de Fita”, escrito por Ana Maria Machado, para mostrar como os “diferentes” são tratados nas histórias destinadas às crianças.

Em um trabalho de alfabetização com uma turma de segunda série, Conde utilizou-se dos contos de fadas para transformar as práticas de leitura e escrita em algo significativo para seus alunos, que fosse além do trabalho tradicional com livros de alfabetização. Foi uma prática alternativa baseada nos contos de fadas por estes serem narrativas que fazem parte do “processo lingüístico do homem” (CONDE, 1996, p.43) e que “possuem marcas substanciais que parecem auxiliar as crianças na construção de textos orais e/ou escritos” (CONDE, 1996, p.47). Foi interesse de Conde analisar, entre outros pontos, em que medida os contos de fadas trabalhados nas aulas influenciavam as narrativas construídas pelas crianças e isso se relaciona com um dos objetivos da minha pesquisa.

O artigo de Souza (2008), que também é professora do ensino fundamental, apresenta outro trabalho interessante realizado em sala de aula, no qual foram utilizados os quadrinhos da Turma da Mônica para introduzir os Contos de Fadas. Neste artigo, ela mostra que a inserção dessas obras deve ser feita paulatinamente aos alunos e também apresenta exemplos de trabalhos que podem ser desenvolvidos para se atingir esse objetivo. Essa idéia dos contos de fadas

contextualizados através de quadrinhos da Turma da Mônica foi utilizada por mim em uma das etapas do trabalho com a produção textual das crianças, que é descrito mais adiante.

1.2. A PESQUISA OBJETIVOS E ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Mobilizada por todas as referências estudadas, pelos sentidos que encontrei acerca dos contos de fadas e sobre seus efeitos sobre os leitores ou aqueles que os ouviram, elaborei um primeiro projeto de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), centrado na leitura de contos de fadas para crianças na escola.

Minha proposta era ler contos de fadas para as crianças e em conversa com elas levantar indicadores dos sentidos que elaboravam para essas narrativas, o que sentiam e pensavam ao ouvi-las, do que gostavam ou não.

Lendo as análises de Vigotski (2009) sobre a criação literária na idade escolar, sobre o descompasso entre o domínio que a criança tem da palavra falada e da palavra escrita e a importância da mediação escolar para que o domínio da escrita se consolide, interessou-me avançar em relação ao projeto inicial, incorporando a ele a criação de contos, por escrito, pelas crianças. Como as crianças se utilizariam das referências e experiências proporcionadas pelos contos lidos ao realizarem suas produções?

Em Bettelheim encontrei mais outra motivação para propor a criação de contos às crianças. Ele afirma que: “os contos de fadas deixam à fantasia da criança o modo de aplicar a ela mesma o que a estória revela sobre a vida e a natureza humana.” (BETTELHEIM, 1978, P.59). Vislumbrei na criação de contos a possibilidade de conhecer melhor as crianças, de apreender alguns elementos de sua realidade de vida, entendendo que a fantasia também é uma forma amena para as crianças compartilharem seus problemas reais.

No terceiro ano da faculdade, ao iniciar meus estágios obrigatórios iniciei de fato meu TCC. No segundo semestre, escolhi para o meu estágio uma escola situada em um bairro periférico da cidade de Mogi Mirim, interior do estado de São

Paulo. Como ao longo deste semestre de estágio, eu acompanharia uma vez por semana o cotidiano de uma das salas do quarto ano, composta por crianças de entre nove e dez anos, decidi realizar meu estudo sobre os contos de fada ao longo do estágio.

Ao solicitar a autorização para a realização do mesmo à diretora, apresentei-lhe minha proposta. Ela me alertou para o fato de que a escola desenvolvia sistematicamente a leitura em sala de aula e a prática do reconto das histórias ouvidas. Alertou-me também para o fato de que os contos de fada eram contemplados nessas leituras e sugeriu que eu fizesse um levantamento dos contos que as crianças já conheciam.

Refiz meu projeto inicial incluindo o levantamento das histórias já conhecidas pelas crianças. Utilizei um espaço cedido pela professora da classe para levantar com os alunos quais os títulos de histórias e de contos de fadas que eles já conheciam. Pedi para que escolhessem um e o recontassem por escrito. As crianças realizaram o solicitado sem perguntas ou estranhamento evidenciando sua familiaridade com essa prática de escrita, que como a diretora já me havia adiantado, era utilizada pelas professoras como procedimento avaliativo das produções escritas.

Foi a partir da descoberta do que as crianças já conheciam a respeito dos contos de fadas e de uma breve análise das histórias por elas recontadas que passei a projetar como seria o trabalho a ser realizado em sala.

Tendo em vista estudar a atividade das crianças, vali-me das atividades didático-pedagógicas, próprias da atividade docente, em aprendizagem por mim, para me aproximar delas, para intervir em sua produção e para documentá-la. Ou seja, os procedimentos pedagógicos foram momentos de aprendizado para mim e para as crianças, de interlocução com elas, de levantamento de indicadores sobre o curso de sua atividade, de análise dessa atividade e de reflexão sobre o trabalho docente vivenciado.

A condição de estagiária foi fundamental para minha inserção na escola e para minha atuação em sala de aula, autorizada pela diretora e pela professora e o que aprendi com/neste trabalho é inseparável das condições em que ele se produziu no contato direto com a dinâmica da sala de aula. Dinâmica essa que não foi apenas observada e descrita, mas vivenciada e analisada.

Desde o momento em que iniciei o estágio documentei por escrito, em meu caderno de estágio, as relações observadas por mim, na sala de aula, entre a professora, as crianças e as atividades de ensino, e as relações em que minha inserção nessa sala de aula foi sendo vivida e construída.

Além do registro descritivo no caderno de estágio, registrei por escrito o planejamento e o desenvolvimento de cada uma das atividades propostas e realizadas por mim com as crianças. Na descrição do desenvolvimento das atividades, procurei documentar as interlocuções orais estabelecidas em sala com as crianças.

As atividades relativas ao projeto de TCC foram conduzidas diretamente por mim, pois nesses momentos, embora a professora da turma permanecesse em sala, ela não intervinha nas atividades que eu propunha para as crianças.

Todos os registros feitos por mim e a produção escrita das crianças compuseram o material de análise da pesquisa a que me propus.

O ponto de partida da pesquisa foi o levantamento do repertório de contos de fadas conhecidos pelas crianças e o reconto feito por elas de um desses contos. Em seguida, li um conto dos Irmãos Grimm, intitulado “O ganso dourado” e analisei com as crianças os personagens que compunham a história, a caracterização destes personagens, o cenário onde ela acontecia e também o clímax, marcando o principal acontecimento da narrativa.

A partir dessa análise, propus que as crianças escolhessem ou criassem um personagem, um cenário e o principal acontecimento da narrativa e com eles compusessem suas histórias.

As narrativas produzidas individualmente foram reunidas por mim em uma coletânea, da qual cada criança recebeu uma cópia. Essas produções das crianças foram analisadas por mim, tendo em conta as questões que me interessavam e indicativos de Vigotski (2009) e de autores que trabalharam na perspectiva teórica por ele elaborada, sobre a produção textual entre as crianças em idade escolar.

1.2.1. A escola e a sala de aula

A escola em que o estudo foi realizado situa-se em um em um bairro periférico da cidade de Mogi Mirim, interior do estado de São Paulo. Muitas das informações a respeito do bairro e da própria escola foram obtidas através da

consulta de seu Projeto Político Pedagógico e também do que pude observar nos dias que lá estive, pois, além do segundo estágio de Ensino Fundamental I, realizei neste mesmo local um dos estágios de Gestão Escolar presentes em meu currículo.

Com apenas doze anos de existência, o bairro no qual a escola se localiza nasceu da organização popular que reivindicava moradia. Para atender essa demanda, a prefeitura loteou a área que hoje é o bairro e iniciou a construção da escola no mesmo ano. As casas são populares e em sua grande maioria encontram-se sem acabamento ou pintura.

O bairro não conta com áreas de lazer (como praças, por exemplo), nem posto de saúde, mas possui além da Escola de Educação Básica uma Creche que foi inaugurada em 2008.

A clientela da escola tem o poder aquisitivo muito baixo. Segundo o próprio Projeto Político Pedagógico da escola, 75% das famílias ganham menos de três salários mínimos. Também há casos extremos, como de 65 famílias que declararam não possuir renda. Destas, muitas crianças só se alimentam quando vão à escola. Mas existe uma parte que é atendida por programas sociais, como bolsa família e entrega de cestas básicas pela prefeitura ou pelo grupo dos vicentinos (entidade pertencente à igreja católica).

Entre essas 65 famílias, por volta de 20 pertencem a um assentamento no qual as terras foram invadidas. As pessoas que lá habitam ainda não possuem condições de produzir nessas terras, por isso vivem em condições extremas.

É importante também destacar a estrutura das famílias desse bairro. Muitas são sustentadas por mulheres – pelas mães – que acabam ficando o dia todo fora de casa. Há alguns casos de alunos criados pelas avós e/ou tias, ou que moram em um abrigo para crianças existente na cidade.

O Projeto Político Pedagógico também relata a preocupação com a presença de drogas e criminalidade, necessitando, portanto, de programas de ação social e de inclusão dos jovens no mercado de trabalho.

Quanto às características físicas da escola, o prédio foi construído pela Prefeitura Municipal de Mogi Mirim, sendo feito em blocos de alvenaria, num projeto simples, seguindo padrão das escolas estaduais.

Na parte externa há uma quadra poliesportiva e uma área para estacionamento, ambas descobertas. A quadra encontra-se fora do alambrado da escola, para que a comunidade possa utilizá-lo também aos finais de semana. Na

área interna do alambrado há dois parques em condições regulares: um com brinquedos de ferro e outro com brinquedos feitos de madeira (escorregador, gangorra, balanço).

A escola possui a etapa final da educação infantil (atendendo crianças com 3, 4 e 5 anos) e os anos iniciais do ciclo básico (primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto ano). Funciona no período matutino e vespertino, atendendo uma média de 500 alunos e possuindo cerca de 30 professores.

Há alguns alunos que permanecem na escola em tempo integral (Projeto Ser), devido a necessidades materiais pelas quais passam e/ou por estarem em situação de risco. Há também, em contra-turno, aulas de reforço escolar (Projeto Água) para os alunos que precisam de um atendimento mais individualizado. A direção e a coordenação da escola fazem ao máximo para suprir as carências das crianças, seja através de projetos ou dando carinho e atenção como seria obrigação dos pais dessas crianças fazerem, mas que nem todas encontram em casa.

Estando na escola, percebi o quanto sua diretora preocupava-se em não perder de vista que o conjunto de professores assegurasse o acesso das crianças aos conhecimentos sistematizados e sua apropriação. Ela assumia, tanto no Projeto Político Pedagógico quanto em suas intervenções cotidianas junto aos professores, que a escola deveria ser um espaço de apropriação cultural. Seus dizeres remeteram-me a Snyders:

A vocação da escola é ser uma ponte entre as pessoas e participação na cultura: local de apropriação cultural, superação rumo à alegria cultural através da vivência de certas condições de comunicação, de adaptação e de apoio de pessoa a pessoa. (2001, p.90)

A diretora lembrava e retomava sempre que é dever da escola assegurar às crianças o conhecimento propriamente escolar, mesmo com todos os problemas familiares que aquelas crianças, em sua maioria, enfrentavam. Notei que também que a diretora não abria mão de seu papel pedagógico, acompanhando de perto o trabalho de cada professor. Ela analisava seus planos semanais de ensino e os orientava trazendo sugestões para melhoria nas atividades e também idéias de intervenções para uma melhor compreensão dos conteúdos trabalhados pelos alunos.

Minha atuação como estagiária foi acompanhada pela diretora. Apresentei-lhe não só meu projeto, como cada uma das atividades planejadas para serem desenvolvidas pelas crianças e recebi dela várias sugestões.

A turma do quarto ano que acompanhei, por sua vez, era composta por 25 alunos, 14 meninos e 11 meninas. No meu primeiro dia de estágio nesta turma, registrei em minhas anotações aspectos que tradicionalmente caracterizariam uma turma disciplinada: os alunos ficavam sentados, em silêncio, fazendo a lição orientada previamente pela professora. Entretanto, fui percebendo como a professora controlava a sala: ela constantemente chamava a atenção dos alunos em um tom de voz bem acentuado e, às vezes, recorria à diretora que vinha conversar com as crianças.

Diante disso, notei que o meu desafio também seria desenvolver o projeto estimulando a efetiva participação das crianças durante o processo, tentando assim propor uma dinâmica de criação textual distinta do que estavam habituadas.

PARTE II

TRABALHANDO O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE TEXTO COM UMA TURMA DE QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1. OS CONTOS DE FADAS QUE AS CRIANÇAS JÁ CONHECIAM E A REESCRITA DESTES CONTOS

Iniciei meu projeto de TCC intitulado “Era uma vez”, seguindo a sugestão da diretora da escola. Assim, minha primeira atividade com as crianças começou com uma pergunta que dirigi a elas: “Que contos de fadas vocês já conhecem?”

Conforme elas iam dizendo, fui anotando na lousa:

Pinóquio

Pequeno Polegar

Aladim

O Patinho Feio

A Bela e a Fera

Cinderela

Branca de Neve

Chapeuzinho Vermelho

Bela Adormecida

Cachinhos dourados

O gato de botas

Os três porquinhos

A pequena sereia

Alice no país das maravilhas

Polegarzinha

João e Maria

João e o pé de feijão

Rapunzel

Em seguida, propus:

- Agora eu queria que vocês escolhessem um desses contos para escreverem para mim, tudo bem?

As crianças responderam positivamente, começando a discutir com os colegas quais contos seriam os escolhidos.

Enquanto eu entregava as folhas, disponibilizadas pela própria professora da classe, perguntava qual era o conto que a criança escolhera para escrever.

Surpreendi-me ao vê-las reescrevendo o conto escolhido, pois temia que elas não se dispusessem a fazê-lo, por ser essa tarefa rotineira que, em minhas primeiras observações em sala, gerara reclamações por parte de alguns alunos. Por isso, foi uma grande surpresa quando alguns deles levantaram para pedir outra folha.

Com as produções em mãos, procurei analisar a reescrita dos contos de fadas elaborada pelas crianças. Embora meu interesse fosse o modo como crianças contaram a história, não me escaparam as características de sua escrita quanto à ortografia, pontuação, concordância, paragrafação e mecanismos coesivos.

2.1.1. Histórias escolhidas pelas crianças para a reescrita

Foram dezoito títulos que os alunos neste dia lembraram. No entanto, um fato curioso foi a escolha prevalecente do conto da “Chapeuzinho Vermelho”. Dos dezenove textos entregues a mim naquele dia, oito foram sobre a menina da capinha vermelha e seu encontro com o lobo.

“João e o Pé de Feijão” foi o segundo conto mais recontado, tendo sido escolhido por três crianças. As outras histórias recontadas foram: “Rapunzel”, “Cinderela”, “Cachinhos Dourados e os Três Ursos”, “Branca da Neve”, “João e Maria”, “A Bela e a Fera”, “Pequena Polegarzinha” e “Os Três Porquinhos”.

A história da Chapeuzinho foi recontada tanto por meninas quanto por meninos, assim como aconteceu também com a história do “João e o Pé de Feijão”. As histórias “que contam sobre mulheres e que apresentam modelos femininos, de esperança, de futuro” (ABRAMOWICZ, 1997, p.91) - Rapunzel, Cinderela, Branca de Neve, a Bela e a Fera - foram recontadas por meninas e o conto de “Os Três Porquinhos” foi a opção de escrita de um menino da turma.

A prevalência da escolha pela história de “Chapeuzinho Vermelho” chamou-me a atenção. Indaguei-me sobre o porquê dessa prevalência: seria a história mais

conhecida? As emoções opostas suscitadas pela personagem Chaupezinho, pelo Lobo e pela relação entre eles é o que torna a história cativante?

Mesmo tentada por enveredar pelas explicações psicanalíticas de Bettelheim (1978), contive-me, contentando-me com a constatação numérica de sua prevalência e com minhas indagações.

2.1.2. Características próprias do gênero Contos de Fadas

Como característica marcante dos Contos de Fadas, a maioria das histórias escritas pelas crianças iniciavam com o “Era uma vez”:

“Era uma vez um Reino que adorava os Reis que sonhavam ter uma menina, de pele branca igual a neve, os cabelos negros e os lábios vermelhos igual o sangue.”

“Era uma vez 3 ursos”

“Era uma vez três porquinho (...)”

“Era uma vez uma [menina] que vivia com suas três irmãs e sua madrasta (...)”

“Era uma vez uma menina que só usava um chapeuzinho vermelho.”

“Era uma vez uma linda menina que um dia a vó dela deu um lindo chapeuzinho vermelho (...)”

Algumas vezes o “Era uma vez” apresenta-se como uma obrigatoriedade do início da história, mesmo sem ser necessário na frase:

“Era uma vez sua Mãe Pediu Para João ir vender sua vaquinha Para comprar comida (...)”

“Era uma vez tinha um mundinho escondido chamados dos TUILERS-MINI.”

Todavia, em sete histórias escritas pelos alunos há uma variação do início “Era uma vez”:

“Era um dia a mãe de chapelzinho pediu para ela levar uma torta (...)”

“Num dia a sua Filha e o seu pai se mudou para uma audeia (...)”

“Ne um velha casa Morava João e Maria com o seus pais.”

“Um dia a mulher e o marido a mulher estava grávida (...)”

“Num dia mãe de João vivia nu casa (...)”

“João morava num casa vena [velha] com a sua mãe (...)”

“A chapeuzinho vermelho ela estava brincando quando a mãe dela chamou (...)”

Quanto ao “viveram felizes para sempre”, fica claro que a maioria das crianças o considera obrigatório no encerramento das histórias, pois os contos de fadas mais conhecidos por eles terminam com os personagens bons sendo felizes no final:

“(...) um príncipe apareceu e a beijou eles casaram e viveram felizes para sempre.”

“(...) ela se casou com o príncipe e viveram felizes para sempre.”

“(...) tirou as duas da barriga do lobo e encheram de presas e colocaram o lobo encostado em uma árvore e viveram felizes para sempre”.

“(...) e tirou a vovozinha de dentro do lobo e a vovozinha e a chapeuzinho vermelho viveram felizes para sempre”

“- Corta a barriga do lobo Porque minha avó está lá dentro e foi o que ele fez e viveram felizes para sempre.”

“(...) colocou um montam de pedra que o não conseguiu levantar e eles felizes para sempre.”

“(...) a bela foi ajudar a ferra e quando chorou ele virou um homem novamente e ela mais ele viveram felizes para sempre”

Na história da Rapunzel escrita por uma aluna, o final feliz é enfatizado:

“(...) assim eles casaram e viveram feris para sempre assim rapunzel e o príncipe ficaram feliz para sempre.”

Outra marca característica dos contos de fadas que foi reproduzida pelas crianças em suas escritas foi a presença da palavra *fim* ao final da folha, indicando que a história encerrou-se ali, depois do “felizes para sempre.”

Mesmo nas histórias em que o “feliz para sempre” não aparece, os personagens bons tem o seu final feliz e os maus um final desafortunado:

“e o lobo queimou o rabo e nunca mais voltou.”

“(...) João cortou e o gigante caiu João ficou com a galinha de ovos de ouro e com a arca do gigante”

Três histórias, contudo, apresentam uma distinção no final. Duas contêm uma “lição de moral”, uma escrita explicitamente pela criança e outra através de uma fala final:

“Moral: Não deixe casa aberta o dia todo.” (História “Cachinhos Dourados e os Três Ursos”.)

“- Pai, não importa importante [é que] temos o que beber e comer para não ficar com fome.” (História “João e Maria”.)

Um terceiro caso de final distinto do apresentado pela maioria das crianças não termina feliz, e sim incerto, pois diz:

“E chapeuzinho entregou a fruta para a vovó e foi embora e pegou sua bicicleta e foi embora antes que o lobo chega de novo.”

2.1.3. Forma como as crianças reescreveram os contos

A maioria das histórias apresenta uma sequência de fatos, assim como um começo, meio e fim que coincidem com os contos originais.

Há também um clímax presente na maioria das histórias:

“Então [a bruxa] pegou um desses meninos para dentro do forno e o outro o jantar (...)”

“(...) o lobo foi pelo lugar mais curto e chego primeiro e comeu a vovó e quando chegou a casa da vovó o lobo comeu ela [a chapeuzinho]”

“(...) a bruxa sou tou a trança e ele [o príncipe] caiu nos espinho e ficou cego”

“(...) e o gigante foi atrás dele [João] também desceu correndo e gritou – mãe mãe da o machado tem um gigante atras de mim”

“(...) e o lobo asopro a casa do porquinho vou [voou] e o porquinho corre o para casa do seu irmão”

“(...) e o lobo correu atras e a menina critando [gritando] socoro, socoro”

“(...) quando chegou lá o principe só dançou com ela daqui a pouco ela saiu correndo e seu sapatinho caiu na escada”

“(...) mais a bruxa descobriu onde ela esta e se desfarsou de velha e vendedora de maçã ela com pena da velha mordeu um pedaço desmaio”

Entretanto, há histórias nas quais apesar de existir uma sequência, partes do conto original são modificadas ou alguns personagens são omitidos pelas crianças. Em uma das histórias de “João e o Pé de Feijão, por exemplo, apesar de haver o final feliz, não há a presença do personagem Gigante.

“o feijão foi gecendo [crescendo] a te o céu e o João juntiu e juntiu [subiu e subiu] e pegou a galinha e a fanta [flauta].”

Da mesma forma, em uma das escritas da história da “Chapeuzinho Vermelho”, não há a presença do lobo:

“Bem di manha sinha sua mãe pedia para e la ir até a floresta para leva alguns doces para sua vovó ela falava toda santa manha, filha vai áte a floresta para dar os dosis para sua vô ela foi ela foi deu os dosis para sua vô. fim”

Também há um caso no qual o lobo aparece, mas ele não chega antes na casa da vovó e nem come a vovozinha:

“Vio o lobo (...) e o lobo queria come-la e ela correu correu para casa da vovó e a ela não achava a casa dela e ela gritando vovó me ajuda o lobo esta correndo atras de mim até que avó dela saio assustada! O que está acontecendo. E chapeuzinho, entregou a fruta para a vovó e foi embora e pegou sua bicicleta e foi embora antes que o lobo chega de novo.”

É interessante notar como esse conto apresentou variações. A Chapeuzinho, na maioria das reescritas, levava docinhos, mas também há histórias na qual a menina levava frutas, torta de maçã ou uma cesta com pão e vinho.

O lobo geralmente come a vovó. O que varia é se ele come ou não a chapeuzinho e a reação do caçador quanto ao lobo:

“E chapeu viu um caçador e disse:

- Corta a Barriga do lobo Porque minha avó está lá dentro e foi o que ele fez”

“a chapeuzinho se escondeu no armário um casador [caçador] que passou . Por ali e ouviu e abriu a barriga e tirou a vovó e colocou pedras e custurou e quando ele correu pensou que tinha a vó e a linha estourou e com pedra”

“Um caçador estava pando [passando] por la e ou viu ele entrou e deu um tiro no lobo com sua espingarda e tirou as duas da bariga do lobo”

“ela [Chapeuzinho] saiu correno e o lobo correu atras e a menina critando socoro socoro e o lobo caiu porque bateu o pe na pedra e o casador [caçador] que estava pasando ouviu os crito e quando ele chegou o lobo estava cerrano [cerrando] o armario o casador deu uma armada na cabeça do lobo e o lobo desmaiou e o casado cortou a bariga do lobo e rancou a vovozinha e colocou um montam de pedra”

No reconto de João e Maria, a criança introduz a leitura de uma história pelos pais para seus filhos:

“Então eles prissisavam de comida e algo para beber para alimentar os seus filhos então pegou um livro para ler uma história”

Por último, cabe destacar que algumas reescritas foram baseadas nas versões de Contos de Fadas apresentadas pelo Walt Disney. Isso aconteceu de forma evidente na reescrita do conto da “A Bela e a Fera” e da “Cinderela”. O conto “A pequena Polegarzinha” também foi reescrito com base no filme “Barbie, a Pequena Polegar”.

2.1.4. Experiências pessoais inseridas nas histórias

No decorrer de algumas reescritas realizadas pelas crianças, pude notar elementos que não estão presentes nos contos originais, mas que procedem do próprio cotidiano dos alunos e de suas experiências pessoais. Segundo Abramowicz,

Um dos aspectos da magia, presentes nos contos de fadas, pouco enfatizada, é a forma pela qual os leitores encontram de liberar os contos de seu próprio discurso, concordando com Chartier “de que a leitura, por definição, é rebelde e vadia”. A liberdade da leitura e dos leitores, às vezes, “se desviam e reformulam” as significações que estão reduzidas num livro. (1997, p.19)

Um primeiro caso foi a inserção de uma bicicleta na história da “Chapeuzinho Vermelho”, mas além disso esta mesma reescrita apresenta uma cena cotidiana da mãe que chama a filha para tomar banho:

“ela estava brincando quando a mãe chamou ela entra para dentro e vai tomar um banho e a mãe dela estava arrumando frutas para vovó de chapeuzinho vermelho e chapeuzinho estava indo bem longe daqui com sua bicicleta e ela desceu de sua biqueteleta e parou para ver a floresta como que era linda e ela foi andando”

Semelhante a esta, há uma reescrita do mesmo conto no qual também é necessário tomar banho antes de levar a encomenda da vovó:

“(...) e na janta tomou banho e foi leva a comida da vovó”

Outra fala que parece refletir o que as mães falam para os seus filhos encontra-se na reescrita da história de “Cinderela”, pois nesta a madrasta tem medo que a Cinderela suje o seu vestido ao pegá-lo:

“E depois se passaram mais dois dias e chegou a hora do baile. e a madrasta de cinderela já foi estúpida com ela e a madrasta disse:

- Cinderela cade o meu vestido?
- calma que eu pego tem que paçar
- não eu mesma pego não [quero] que suje.”

2.1.5. Observações sobre o uso da língua escrita e seus recursos

Apesar de as crianças saberem reescrever as histórias seguindo uma sequência, há muitos erros que dificultaram o próprio entendimento do que foi escrito, pois a escrita possui leis próprias “que se diferenciam parcialmente das leis

da oralidade e ainda são pouco acessíveis para as crianças.”(VIGOTSKI, 2009, p.64)

Os problemas mais graves foram a ausência de estruturação e pontuação, ou seja, foram raras as reescritas que apresentaram paragrafação e uso relativamente correto de pontuação – a grande maioria das crianças escreveu um texto corrido sem a utilização desses recursos lingüísticos.

As palavras mais utilizadas como mecanismos coesivos foram: então, depois, quando, de repente, e. No entanto, estes mecanismos foram utilizados repetidamente pelos alunos, como nota-se nos seguintes exemplos:

“e chapeuzinho foi e no meio do caminho encontrou o lobo e ficou conversando com ele e falou pega essa flores”

“e sua madrasta maltratava muito cinderela e se passaram em uns cinco dias e bateu na porta um homem muito elegante e a cinderela quando abriu a porta a madrasta e suas três irmãs veio correndo”

“Então pegou um desses meninos para dentro do forno e o outro para o jantar então ela tinha muita coisa para fazer. Então joanzinho saiu de dentro do forno (...)”

“ela e o lobo saiu correm quando. O lobo chegou na casa da vovó e disse abra a parte ela falo taaberta o lobo entrou na casa e comeu a vovó quando. A chapeuzinho chegou bateu na porta o lobo rapidamente se vestiu de vó e mandou entrar achapeuzinho (...)”

Entre os principais problemas de ortografia identificados nos textos estão:

- Uso de m antes de p e b no final de palavras

Erros encontrados nos textos: senpre, quen, cenpre, sin, conprou, enbora, limda, emtrou, foran.

- Uso de s ou ç

Erros encontrados nos textos: casador, cabesa, possa [poça], comesarão, mosso.

- Uso de l ou u

Erros encontrados nos textos: vol, vouto, descolbriu, audeia, vil, abril [abriu].

- Uso de rr

Erros encontrados nos textos: bariga, socoro, erado, tera, dirubou, corendo, deruba.

- Uso de ch ou x

Erros encontrados nos textos: encheragar, deichou.

- Uso de c ou s

Erros encontrados nos textos: dosis, cenpre, pacear, urcinho, desseu, prissisavam, conceguir, sidade, passiencia, apareseu, seu [céu], cemente.

- Uso de s ou z

Erros encontrados nos textos: ves, chapeusinho, capus, naris, vovosinha, espoza, lus.

- Uso de ss

Erros encontrados nos textos: pasando, morasem, asuprar, asopro, pegace, ise

Foram poucas as crianças que utilizaram maiúsculas adequadamente, como, por exemplo, no início de frases e nomes próprios.

No conjunto dos textos produzidos, pude apreender que os principais elementos dos contos de fadas mais populares já eram conhecidos pelos alunos, bem como o modo clássico de narrá-los. Esse conhecimento favoreceria a criação de um conto pelas crianças.

De modo a mediar o processo de produção de um conto próprio, organizei uma sequência de atividades de modo a que cada um dos elementos do texto a ser criado, fosse pensado, projetado em separado. Chamei ao conjunto dessas atividades de “INVENTANDO MEU CONTO DE FADAS”. Descrevo, a seguir, a criação desse procedimento e o modo como ele foi implementado.

2.2. “INVENTANDO MEU CONTO DE FADAS”

A idéia de organizar um conjunto de atividade que servisse de balizamento para a realização do projeto ao longo do estágio surgiu em uma das reuniões individuais de acompanhamento de estágio. Relutante em modificar meu projeto inicial, mas entendendo que era importante, como destacara a diretora, não ignorar o que as crianças já conheciam, precisei redefinir meus objetivos iniciais. Nessa redefinição, tive que levar em conta que o tempo disponível para a realização do projeto não era o tempo que eu sonhara, mas o tempo que a professora entendia ser possível disponibilizar-me.

Afinal, como destacam Fontana e Guedes-Pinto (2002, p.13):

Trabalhar na escola, quando não se tem ali um lugar definido e assegurado, implica negociar um lugar com o professor ou professora, implica preparar-se para ocupá-lo, implica experimentar-se diante da sala toda e do professor que nos possibilitou realizá-lo. Tudo isso intimida, afeta.

Optando por focar o processo de produção textual das crianças, minha orientadora e eu decidimos por elaborar um pequeno roteiro que pudesse servir de guia, para mim e para as crianças, na realização da atividade. Assim, elaborei algumas questões a serem discutidas com os alunos e depois respondidas por eles:

Atividade 1 - Criando um personagem:

- Qual personagem eu serei?
- Como é essa personagem que eu sou?
- Que outras personagens estarão na sua história?

Escreva um pouquinho sobre cada uma delas.

Atividade 2 - O cenário da história:

→ Em quais lugares acontecerá minha história? Descreva-os.

Atividade 3 - O acontecimento mais importante da história:

→ Qual será o acontecimento da história? Quando ele ocorrerá?

Para trabalhar com essas atividades, li um conto de fadas para os alunos do quarto ano, que não era conhecido por eles, "O Ganso Dourado" dos Irmãos Grimm. Li a versão que aparece na edição *Contos de Grimm* da Editora Nacional (2006).

O GANSO DOURADO – Irmãos Grimm

Era uma vez um homem que tinha três filhos. O mais novo chamava-se Pateta, sendo sempre passado para trás, menosprezado e escarnecido. Aconteceu que o mais velho quis ir à floresta pra cortar madeira, e antes de ir, a mãe dele ainda lhe deu uma saborosa e bela panqueca e uma garrafa de vinho, a fim de que não passasse fome, nem sede. Quando entrou na floresta, encontrou-se com um homenzinho grisalho que lhe desejou bom dia e disse: "Dê-me, por favor, um pedaço do bolo de sua bolsa e deixe-me tomar um trago do seu vinho! Tenho fome e sede demais."

O filho inteligente respondeu, porém: "Se eu lhe der do meu bolo e do meu vinho, vou ficar sem o que comer. Se vire!"

O homenzinho ficou e ele foi em frente. Pouco tempo depois, quando ele começou a cortar uma árvore, feriu-se no braço ao errar um golpe com o machado, e teve que voltar para casa, a fim de curar-se. Mas, isso era feitiço que tinha sido arrumado pelo pigmeu grisalho. Em seguida, o segundo filho entrou na floresta e, como fez com o mais velho, a mãe deu-lhe uma panqueca e uma garrafa de vinho. Lá, do mesmo modo, ele topou com o velho e grisalho pigmeu que lhe pediu um pedaço de panqueca e um gole de vinho. Mas, também o segundo filho foi muito arrogante: "Quem dá o que tem, a pedir vem. Se vire!"

Deixou o velhinho ao abandono e foi embora. O castigo não demorou. Quando ele dava alguns golpes na árvore, ele cortou-se seriamente na perna e foi levado para casa. Então, disse Pateta: "Pai, deixe-me sair uma vez pra cortar lenha!"

O pai respondeu: "Seus irmãos se deram mal com isto, deixa isso pra lá, você não entende nada disso!"

Pateta pediu tanto que ele disse, finalmente: "Então, vá! Ferindo-se, talvez, você fique mais inteligente."

A mãe deu-lhe um bolo que foi cozido com água na cinza e, além disso, uma garrafa de cerveja azeda. Quando ele entrou na floresta, igualmente, foi interrompido pelo velho e grisalho pigmeu, que lhe cumprimentou e disse: "Dê-me um pedaço de seu bolo e um gole de sua garrafa, tenho muita fome e estou sedento."

Pateta respondeu: "Eu só tenho bolo de cinza e cerveja azeda. Se isso lhe satisfaz, então, podemos sentar e comer."

Então, eles se sentaram e, quando Pateta pegou o bolo de cinza, para sua surpresa, era uma finíssima panqueca e na garrafa de cerveja havia um bom vinho. Assim, depois que comeram e beberam, disse o homenzinho: "Como você tem um bom coração e gosta de compartilhar o que é seu, então, quero lhe dar sorte. Ali está uma velha árvore, corte-a, e então, você achará algo nas raízes."

Depois disso, o homenzinho despediu-se. Pateta foi lá e golpeou a árvore e, quando ela caiu, encontrou um ganso com penas de puro ouro nas raízes. Ele tirou-o para fora e levou-o consigo, até a uma hospedaria, onde queria pernoitar. Mas, o proprietário tinha três filhas que, ao verem o ganso, ficaram interessadas naquele tipo de pássaro tão especial, e desejaram possuir uma de suas penas douradas. A mais velha pensou: "Vou achar já já o momento certo para que eu possa extrair uma pena desse ganso."

E, enquanto Pateta saiu por um momento, ela pegou o ganso pelas asas, mas seus dedos e a mão ficaram presos nele. Logo depois, veio a segunda e não pensou em outra coisa senão em apanhar uma pena dourada, porém, ao tocar em sua irmã, também, ficou a ela agarrada. Finalmente, veio também a terceira com a mesma intenção. Então, as outras gritaram: "Afaste-se, por Amor ao Céu, afaste-se!"

Porém, ela não compreendeu porquê ela deveria se afastar, e pensou: "Elas estão aqui, e eu também quero." E, saltando para lá, como tocou em suas irmãs, ela também ficou presa com elas. Elas ficaram assim por toda a noite.

Na outra manhã, Pateta pôs o ganso no braço foi embora e não se preocupou com as três meninas que ali ficaram agarradas umas nas outras. Elas tiveram que segui-lo a três pernas, andando de lado, enquanto ele andava normalmente. No meio do campo, o padre as encontrou, e quando viu aquele cortejo, ele disse: "Que vergonha, meninas sórdidas, o que faz vocês seguirem o jovem pelo campo, isso é normal?"

Então, ele pegou a mão da mais nova e quis puxá-la de volta, mas, como ele tocou nela, ele ficou agarrado do mesmo modo e teve que andar como saci. Não demorou muito e lá veio o sacristão, e viu o senhor padre e as três meninas presos pelos pés. Surpreso, disse: "Uê, seu padre, pra onde o senhor vai com essa pressa? Não se esqueça que nós temos batizados hoje."

Correu até ele e o agarrou pelo braço, porém, ficou preso também. Quando os cinco vagueavam de lado, um atrás do outro, dois camponeses vieram com suas enxadas pelo

campo. Então, o padre os chamou e lhes pediu que ele e o sacristão fossem desatados. Logo que tocaram no sacristão, eles ficaram presos também, e, agora, eram sete que seguiam Pateta com o ganso.

Depois disso, ele entrou em uma cidade; lá reinava um rei que tinha uma filha que era tão séria que não sorria para ninguém. Então, o rei baixou uma lei determinando que quem a fizesse sorrir deveria se casar com ela. Pateta, quando ouviu isso, foi com o ganso dele e seu cortejo até a princesa, e quando ela viu as sete pessoas andando daquele jeito, uma ligada à outra, começou a dar uma gargalhada alta, mas com tanta vontade de rir, que não conseguia parar. Pateta pediu-a em casamento, as bodas foram celebradas e ele se tornou herdeiro do reino, onde viveu alegremente com a esposa por muito tempo.

Esse conto apresentava diferenciações em relação àqueles que as crianças já conheciam. Era um conto mais longo que envolvia uma quantidade grande de personagens e trazia as marcas das histórias de repetição comuns na tradição oral. As repetições favoreceram a participação das crianças durante a leitura, pois na medida em que os personagens da história iam ficando presos uns aos outros, as próprias crianças completavam minha leitura, dizendo: “e ficou preso também!”

Após a leitura, entreguei para cada criança duas folhas impressas que continham o conto de ganso. A história foi lida novamente para eles com o seguinte pedido - circular os personagens que apareciam no texto. Durante essa segunda leitura notei a dificuldade de alguns em acompanharem a história, pois na hora que aparecia um personagem surgiram perguntas como “que parte que tá professora?” e “onde tá esse nome?”.

Quando terminamos a leitura, passei a trabalhar com eles em dois cartazes. O primeiro tinha escrito na parte de cima: “PERSONAGENS DO CONTO ‘O GANSO DOURADO’” e no segundo “PERSONAGENS DE OUTROS CONTOS”.

Cada criança, em seguida, recebeu uma figura e uma etiqueta, a qual deveria ser preenchida com o nome do personagem representado pela figura. Para garantir que algumas figuras, principalmente da história do Ganso Dourado, fossem compreendidas pelos alunos, resolvi escrever no verso de todas quais personagens representavam. Talvez essa medida pudesse ter sido dispensada se fosse possível utilizar um tempo maior da aula, onde discutiríamos qual personagem determinada figura poderia representar sem que esse dado fosse oferecido já pronto por mim.

Fomos lembrando então quais eram as personagens do conto o Ganso Dourado. Conforme as crianças iam dizendo, aquela que possuía a imagem desta personagem levantava para colá-la no cartaz junto com a etiqueta em que a criança havia escrito que personagem era aquela.

O mesmo foi feito posteriormente com o cartaz escrito “PERSONAGENS DE OUTROS CONTOS”: os alunos lembravam que personagens de outros contos conhecidos por eles não tinham sido contemplados na história do ganso e as crianças que possuíam as imagens representativas destes personagens as colavam no cartaz.

A partir dos dois cartazes, as crianças dispunham de uma amostra considerável de personagens que poderiam tanto ser escolhidos para serem o personagem do conto a ser escrito por elas, como também servirem de referência e inspiração para que criassem seus próprios personagens.

De fato, os cartazes mediaram a escolha das crianças, mas foi necessário que em outra aula eu retomasse o assunto chamando a atenção delas para a descrição dos personagens, item que não havia sido feito pela maioria.

Conversamos coletivamente:

- Olha, como vocês imaginam que uma bruxa pode ser? – perguntei.
- Ahhh, ela tem um nariz grande e usa um chapéu.
- E ela usa roupa toda preta.
- Ahhh, – falei – e ela pode ser boazinha ou malvada?
- Malvada
- Bem malvada.

Isso deu uma abertura para que alguns alunos ajudassem os seus amigos, sugerindo como os personagens poderiam ou deveriam ser. Um exemplo foi o do aluno que me perguntou:

- Professora, como que é o Lobisomem?
- Como você imagina que ele seja?
- Acho que ele é bonzinho e tem o pelo amarelo.

Outro aluno, que estava escutando a conversa, disse dando risada:

- Lobisomem não é assim não, você não lembra? Ele não é bonzinho e o pelo dele é marrom.

- Ah, eu sei mas o meu vai ser amarelo e bonzinho.



Foi interessante observar como a conversa sobre os personagens mobilizou a imaginação e a fantasia nas crianças.

Para trabalhar os cenários das histórias, optei por um método simples, mas que no fim foi muito eficaz porque as crianças compreenderem a importância dos detalhes na hora de uma descrição.

Primeiro, perguntei em quais lugares uma história poderia acontecer. Elas disseram: bosque, floresta, casa, predinhos, condomínio, praça, escola, castelo, jardim, sítio, campo e cidade.

Fui anotando esses locais nas lousas e, em seguida, pedi que preenchessem a questão da segunda parte do roteiro: “Em quais lugares acontecerá sua história? Descreva-os”

Com a finalidade de enfatizar a importância dos detalhes nesta descrição desses locais, escolhi como cenário o bosque e desenhei duas árvores na lousa. Depois perguntei às crianças:

- O que mais existe em um bosque?

Elas responderam:

- Flor.

- Pássaros.

- Planta carnívora.

- Rio.

- Jacaré.

Fui acrescentando esses elementos em meu desenho do bosque mas, como eu não sabia desenhar um jacaré, pedi a ajuda de um aluno e, assim, todos se interessaram em ir à lousa acrescentar um elemento ao bosque.

Antes, porém, questionei:

- O que vocês acham que ficaria melhor escrever em uma história: um bosque que tem árvores ou um bosque que tem árvores, pássaros, plantas, flores, rios, jacaré?

As crianças concordaram com a segunda forma.

- Mas porque fica melhor assim? – perguntei novamente.

- Porque fica mais bonito. - alguém respondeu.

- É verdade.... mas se eu dissesse que “era um bosque que tem árvores”, cada um não poderia imaginar um jeito de bosque?

- Sim – concordaram novamente em coro.

- Então... se a gente escrevesse “um bosque com árvores, pássaros, plantas, flores, rios, jacaré”... quem fosse ler não ia imaginar um bosque mais parecido com o que nós imaginamos na hora de escrever nossa história?

- Ia sim!

- Mas professora – disse um aluno – eu acho que pode ter um sol também, posso ir lá desenhar?

Os pedidos para irem acrescentar elementos ao bosque desenhado na lousa começaram a crescer a partir daí. Ficou combinado que, assim que cada um terminasse de responder a primeira pergunta da ficha, poderia ir à lousa acrescentar um item.

Aos poucos, então, os desenhos na lousa configuraram-se como uma construção coletiva, uma vez que era necessário ajustar cada idéia a partir do que o outro já havia desenhado e criado, dando continuidade e amplitude à paisagem do bosque que se formava.

Ao final, assim ficou o bosque do quarto ano:



Clímax, segundo o dicionário Aurélio, é o ponto culminante de um acontecimento. Para trabalhar um pouco dessa noção com os alunos, o roteiro trazia as seguintes perguntas: Qual será o acontecimento da história? Quando ele ocorrerá?

Começamos então a conversar sobre os acontecimentos mais importantes que ocorriam nas histórias por eles conhecidas:

- O que acontece de mais importante na história dos três porquinhos? – questionei.
- O lobo sopra as casas e duas caem!
- E da Branca de Neve, o que vocês acham que é o mais importante?
- Ela fica dormindo.
- Mas por que ela dorme?
- Porque a bruxa dá a maçã para ela comer.
- E na história da Chapeuzinho Vermelho?
- O lobo come a vó dela!
- E isso acontece em que parte da história? Começo meio ou fim? - perguntei
- No final – a maioria respondeu.
- Um pouco no meio, mas mais pro final – uma aluna disse.

Alguns alunos tiveram dificuldade em pensar um acontecimento isolado de todo o restante da história. Foi preciso explicar individualmente a alguns alunos, lembrá-los das personagens que eles haviam escolhido, ajudá-los a imaginar uma história completa para depois conseguirem distinguir o que de mais importante aconteceria no conto que estava sendo inventado por eles.

Destacar o clímax da história implicava uma atividade de análise do próprio conto e este era um aprendizado a ser feito, pois ao recontarem por escrito contos lidos, atividade com que as crianças estavam acostumadas, elas já trabalhavam com a história completa.

A prática do reconto estava consolidada no cotidiano escolar daqueles alunos, pois a própria direção da escola solicitava que o reconto fosse uma das formas de avaliação bimestral, no qual as professoras liam uma história para as crianças e pediam, em seguida, que a reescrevessem com suas próprias palavras.

A etapa do reconto é essencial na apropriação da narrativa escrita, uma vez que é preciso uma reserva de experiências pessoais para que a criança consiga realmente criar algo novo. Como assinala Vigotski (2009, p.66):

O desenvolvimento da criação literária infantil torna-se de imediato bem mais fácil e bem-sucedido quando se estimula a criança a escrever sobre um tema que para ela é internamente compreensível e familiar e, o mais importante, que a incentiva a expressar em palavras seu mundo interior. Muitas vezes a criança escreve mal porque não tem sobre o que escrever.

Quando se pede para a criança recontar a história, o professor busca oferecer o material sobre o qual a criança deverá escrever, para que esta se preocupe apenas com as funções, técnicas e mecanismo que caracterizam a produção escrita.

No entanto, o reconto, mais do que a análise do conto, requer dos alunos uma escuta paciente e um recordar escrupuloso da história, para que posteriormente possam reescrevê-la utilizando palavras próprias.

Se as práticas de reconto são importantes para a apropriação de um gênero, disponibilizando um repertório de contos às crianças, mediando sua compreensão das funções, dos mecanismos e das técnicas que caracterizam a produção escrita, o que me parece um problema, entretanto, é o professor esquecer-se de trabalhar com a análise dos contos recontados e, principalmente, com a criação do aluno, uma função da imaginação que “pertence ao homem comum, ao cientista, ao técnico; é essencial para descobertas científicas, bem como para o nascimento da obra de arte; é realmente condição necessária da vida cotidiana...” (RODARI, 1982, p.139)

Afinal, como lembrará Vigotski, “Todo o futuro é alcançado pelo homem com a ajuda da imaginação criadora. A orientação para o futuro, o comportamento que se apóia no futuro e dele procede é a função maior da imaginação.” (2009, p.122)

A atividade proposta por mim, diferentemente do reconto, provocou a análise e o exercício de criação e suscitou reflexões que compartilhei com a diretora. Ela me sugeriu que destacasse com as crianças a importância da sequência em uma história antes que produzissem seus próprios contos. Ela disse que talvez isso pudesse ser feito através de uma história fatiada, ou seja, recortada, que as crianças ordenariam segundo um critério de coerência.

Pensando nisso, resolvi trabalhar com os quadrinhos da Turma da Mônica. Essa escolha deveu-se ao fato de que, como os alunos fariam a escrita de suas histórias neste mesmo dia, os quadrinhos (além de serem mais atrativos) ocupariam um menor tempo da aula. Os quadrinhos, apesar de serem histórias curtas, apresentam começo, meio e fim e precisam de uma sequência para ganharem um sentido.

Esta escolha também foi mediada por um artigo escrito por Souza (2008) no qual a autora traz as histórias em quadrinhos como um meio de comunicação que os

educadores precisam fazer uso, afinal estão inseridos em nosso cotidiano. Para ela, os quadrinhos apresentam-se como um meio de aproximar o considerado Literário com o que está acessível a esta geração “tecnológica”.

Assim, entreguei os seguintes quadrinhos aos alunos:



As crianças se envolveram bastante com essa atividade. Na primeira tirinha ouve uma discordância entre elas com relação à ordem, pois algumas não compreenderam o “chuac” como o barulho de um beijo. Foi necessário, assim, explicar essa onomatopéia para que a história fizesse um sentido aos alunos.

Percebida essa dificuldade de compreensão, pedi para que explicassem algumas falas finais como:

- Por que o pai do Cascão leu a história dos três porquinhos no final? – perguntei

Eles responderam:

- Porque ele não gosta de tomar banho!

- Porque ele é sujo igual os porcos!

E ao final da história da última tirinha:

- Porque essa fala de “Ah! Deixa pra lá!”?

- Porque a Magali já tinha comido tudo mesmo! – respondeu um aluno.

- É, ela já tinha comido todo o feijão mágico! – respondeu outro.

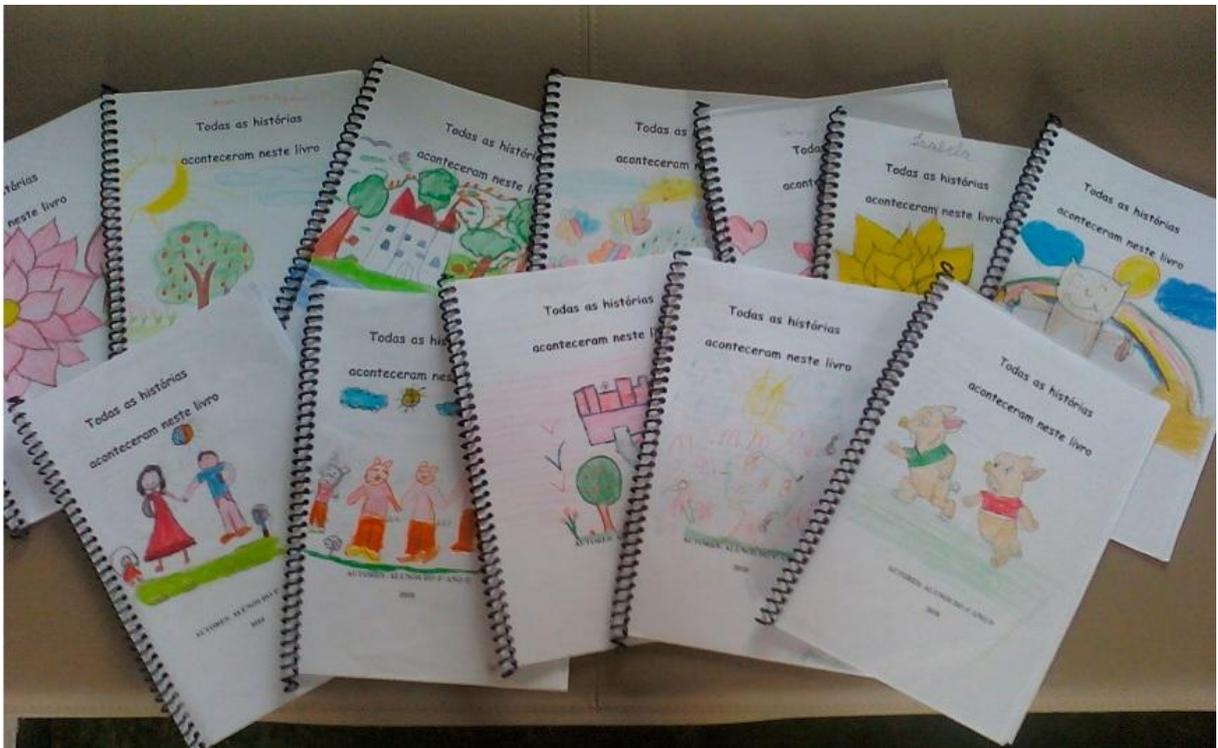
O interessante foi que após essa atividade, além da maioria das crianças ter se preocupado com a coerência entre os acontecimentos, duas delas dividiram suas histórias de modo a evidenciar o começo, meio e fim do que tinham escrito.

3. O LIVRO DE HISTÓRIAS DO QUARTO ANO

O título dado à coletânea de histórias produzidas pelas crianças, decidido através de uma votação entre as sugestões feitas por elas, foi:

“TODAS AS HISTÓRIAS ACONTECERAM NESTE LIVRO”.

A capa foi também desenhada pelas crianças, ao receberem seu exemplar, o que acabou sendo interessante pois, apesar de todos os livros possuírem o mesmo conteúdo, a capa evidenciou a singularidade entre elas.



No dia que entreguei o livro às crianças, eu já estava no último dia de estágio. O final das aulas já se aproximava e foi gratificante o quanto elas adoraram ver o livro ali, prontinho, como eu havia prometido no começo do semestre. Muitas delas, ao receberem seus livros, foram diretamente em busca de suas histórias. Algumas comentaram para quem mostrariam à mãe, ao irmão, à avó... houve até quem quisesse em ir ler para a diretora!

2.3.1. Análise das histórias criadas pelos alunos

O GATO DE BOTAS

Autora: G.

Era uma vez um velhinho que tinha três filhos. Um dia ele deu as coisas para o seu filho e disse:

- Para o mais velho eu vou dar a minha carroça, para o do meio um moinho e o para o mais novo um gato travesso e esperto.

Certa vez o gato mandou seu dono tomar banho. O gato pegou emprestadas as roupas do rei que estava passando. O filho mais novo foi então no castelo e o rei deu a mão de sua filha e eles se casaram.

A BAGUNÇA

Autor: M.

Era uma vez os três porquinhos. Depois que o lobo mal destruiu as casas de dois deles, eles foram correndo para a casa de seu irmão. Como este tinha uma casa de tijolos, o lobo mal não conseguiu derrubar.

Então o lobo mal foi tentar entrar pela chaminé e se deu mal porque ele se queimou.

Com isso nós aprendemos que quem quer ser o todo poderoso sempre se dá muito mal e assim os porquinhos viveram felizes para sempre. A mesma coisa aconteceu com os outros personagens como o gato de botas, o patinho feio e a bruxa: todos esses personagens ficaram felizes.

As duas primeiras histórias destacadas evidenciam as marcas do reconto. A história “O Gato de Botas”, escrita por G. foi um resumo das versões mais conhecidas desse mesmo conto de fadas, ou seja, um reconto. A história “A bagunça”, por sua vez, possuiu um título original criado por M., mas recontou a

história dos três porquinhos. É interessante, porém, observar que ao final deste texto há uma “lição de moral”, como aquelas que são comumente apresentadas nas fábulas: “quem quer ser o todo poderoso sempre se dá muito mal”.

Contudo, há uma outra característica que distinguiu o conto de M.: a presença de personagens de outros contos de fadas que surgiram ao fim da história no intuito do aluno constatar que esses personagens também foram felizes.

No processo de criação proposto por mim, algumas crianças se apropriaram dos contos conhecidos, citando-os abertamente, adotando a própria sequência narrativa original, modificando personagens, alguns de seus elementos ou o final dos contos, como nota-se nas quatro histórias seguintes:

O GATO FALANTE E A MENINA

Autora: C.

Era uma vez um pobre que faleceu quando a mulher estava muito doente. Eles tinham uma filha e quando a mãe dela estava prestes a morrer, disse:

- Filha, seu pai quando morreu lhe deixou um gato... ele te dará muita sorte filha... adeus.

A menina chorou abraçando o gato e o gato falou:

- Olá menina!

Ela tomou um susto. Ele disse:

- Sou um gato falante e vou te ajudar.

- Como? – disse a menina.

- Vou te levar para o príncipe. Trabalhará lá e ele se apaixonará por você!

- Eu acho loucura isso. – disse a menina.

- Está bem sabidona, vamos lá! – falou o gato

Quando ela chegou, o príncipe se apaixonou. Com o passar do tempo eles se aproximaram, se casaram e viveram felizes para sempre.

ALICE E A ONÇA

Autor: M.

Era uma vez uma menina chamada Alice. Um dia sua mãe lhe pediu para levar doces para sua tia que estava doente. Sua mãe falou para ela não conversar com estranhos e ela foi feliz cantando:

- Pela estrada fora eu vou bem sozinha, levar esses doces para a tia!

Aí apareceu uma onça. Ela perguntou:

- O que tem dentro dessa cesta?

Doces para minha tia.

A onça queria comer os doces da tia e mandou a Alice ir pela floresta, que era o caminho mais longe. A onça foi pelo bosque, que era o caminho mais perto.

Chegando lá, ela comeu a tia e se vestiu de tia. A Alice entrou na casa da tia e perguntou:

- Tia, que bocona!

- É pra te comer!

Alice saiu correndo para a casa dela e a onça saiu correndo atrás. No caminho, a onça caiu e desmaiou. O pai da Alice passava por ali e viu a onça deitada no chão. Ele queria fazer churrasco e levou a onça para casa dele. Quando ele foi cortar a barriga da onça, teve uma surpresa: encontrou a tia!

Ele tirou a tia da barriga da onça e pegou um facão, cortou a cabeça da onça, colocou o animal na água fervendo, tirou o pêlo e comeu a carne da onça.

E viveram felizes para sempre. FIM

A ONÇA E OS TRÊS PORQUINHOS

Autor: I.

Era uma vez três porquinhos que trabalhavam na casa da mamãe. Ela chamou:

- Porquinhos, venham até aqui.

Ela deu uma moeda para cada um e falou:

- Cada um vai ter a sua casa.

Um construiu uma casa de madeira, um de cipó e um de barro. Então veio uma onça pintada, bateu na porta e falou:

- Você tem algumas bolachinhas para me dar?

E o porquinho falou:

- Eu não tenho agora, venha mais tarde.

- Então tá bom, eu venho mais tarde no jantar – disse a onça.

- Então tá bom, é para vim mesmo. – respondeu o porquinho.

A onça voltou, mas veio um caçador que atirou para o alto. Ela ficou assustada, mas depois de muito tempo voltou na casa do porquinho. Eles jantaram e ela falou:

- Muito obrigada, que Deus lhe abençoe. FIM

A PRINCESA E O PRÍNCIPE

Autora: Y.

Era uma vez uma menina que se chamava Jasmin e era linda. O cabelo dela era vermelho como fogo, todo mundo falava que era uma flor porque se chamava Jasmin.

Ela morava com a madrasta dela que era uma bruxa que não deixava Jasmin sair de casa.

Quando a Jasmin saía escondido, a madrasta mandava a menina limpar a casa.

Um dia a Jasmin viu um príncipe lindo. Ele também viu Jasmin e falou para o pai dele que ela era linda. Jasmin então desmaiou e o príncipe pegou ela no colo e a levou para o castelo.

Ao acordar, ela viu que estava em uma cama aconchegante e disse:

- Onde estou?

O príncipe veio e disse:

- Você está no castelo, quer casar comigo? Você é agora uma princesa!

FIM

Rebatizando ou não os personagens, introduzindo pequenas inversões e reviravoltas sem no entanto mudar radicalmente os contos originais, as crianças, em um jogo de cópia de partes de uma história já conhecida, produziram suas histórias.

A história “O gato falante e a menina”, escrita por C., baseou-se no enredo do conto “O gato de botas”, no entanto é uma garota e não um garoto que herda o gato falante, assim como é ela que vai atrás do seu príncipe.

Nesse mesmo processo de criação de história está o conto de M, titulado “Alice e a Onça”, que a partir do conto da Chapeuzinho Vermelho, modificou tanto os nomes das personagens quanto o final da história, no qual o pai de Alice, representando o caçador do conto original, resolveu fazer um churrasco com a onça.

O conto “A onça e os três porquinhos” envolveu os três porquinhos e, no lugar do lobo, encontra-se novamente a onça pintada. A onça, dessa vez, representa o oposto do lobo, por ser um personagem bom e necessitado, que pede comida na porta dos porquinhos e agradece pelo jantar.

Na história criada por Y., “A princesa e o príncipe”, percebe-se algumas semelhanças com o conto da Cinderela e Branca de Neve, pois a madrasta era uma bruxa e mandava Jasmin limpar a casa, não permitindo que a menina saísse. A história finalizou com a Jasmin salva pelo príncipe, levada ao castelo e transformada em princesa.

O processo de criação assumido por essas crianças evidenciou a atividade combinatória destacada por Vigotski (2009) como condição da atividade criadora. Uma criação que se não levou a uma nova síntese com lógica própria, envolveu alguma análise do conto em que se baseou a paródia produzida.

Segundo Rodari (1982, p.52):

A alternativa, ou a paródia, encontra lugar em determinados pontos e não em outros, precisamente nos pontos que caracterizam e estruturam a fábula (...) As operações de decomposição e recomposição são, neste jogo, contemporâneas. São, precisamente, intervenções práticas, e não abstratamente lógicas.

A combinação de elementos conhecidos pelas crianças se tornou ainda mais evidente nas seguintes histórias, em que elas misturaram elementos de diferentes contos para compor sua história:

VELHINHO, TRÊS IRMÃOS, TRÊS IRMÃS E A RAINHA

Autora: M.

Era uma vez uma rainha do vestido longo, branca de cabelos enrolados. Ela tinha três filhas metidas e ricas por causa da herança do pai.

Havia também três irmãos que trabalhavam dentro de vários prédios onde elas moravam. O irmão mais velho cortou-se. Apareceu então um velhinho bonzinho, magro e usando um vestido longo. O velho pediu um pastel e o irmão mais velho não deu porque estava com fome.

Então veio o outro irmão e cortou-se. O velho pediu um pouco de comida. Ele não deu e foi embora.

*Veio o irmão mais novo e o velho perguntou se ele tinha algo para lhe dar. Ele falou:
- Tenho pão seco e cerveja estragada.*

Os dois comeram sem miséria com o outro. Quando o velho foi embora apareceu para o irmão mais novo um pastel de carne e vinho. Ele comeu e não se cortou.

Apareceu na janela uma das irmãs e um dos irmãos se apaixonou por ela. Ele passou a visitá-la, mas a rainha cortou o cabelo da sua filha para que ele não subisse.

A rainha jogou a trança e quando ele foi subir caiu no espinheiro e ficou cego.

Logo a menina desceu as escadas e foi atrás dele para beijá-lo. Ela foi seguindo e conseguiu alcançá-lo. Ao beijá-lo, uma lágrima da menina caiu dentro dos olhos dele, ele recuperou a visão e foi pegar frutas para comer.

Então viveram felizes para sempre. FIM

TRAPALHADAS JUNTAS

Autora: Me.

Era uma vez uma princesa que nunca ria. Ela morava em uma casona bem grande.

Um dia a princesa teve a idéia de chamar os sete anões, a Branca de Neve e o Príncipe e, como ela já era muito apressadinha, foi chamá-los.

Na hora que eles chegaram a Fadinha Polegar começou a mostrar onde eles iam dormir.

Quando os sete anões fizeram a princesa que nunca ria rir, ela caiu na gargalhada e então ficou tudo bem...

FIM

UMA HISTÓRIA LINDA DE UMA MÃE

Autora: A.

Um dia uma mãe foi no jardim, achou três porquinhos e os acolheu para dentro de casa. Como um ganso estava com eles, ela o pegou também e foi no mercado comprar comida.

Quando ela voltou não achou mais os três porquinhos e o ganso porque a bruxa tinha levado eles embora. A mãe gritou:

- Pássaros? Fugiram? Será?

A mãe correu atrás deles, foi por toda cidade procurá-los, depois denunciou, até que a polícia pegou a bruxa.

Os animais e também os sete anões ficaram com a mãe e viveram felizes para sempre.

A RAINHA DE OURO

Autora: F.

Era uma vez uma rainha cheia de ouro. Ela morava com suas três filhas e com seu marido e decidiu que ia fazer uma festa.

As três filhas apressavam a sua mãe enquanto ela fazia tudo para a festa.

De repente, no dia da festa, começou a ficar de noite e apareceu uma bruxa!

Todos eles ficaram assustados e as três filhas disseram para sua mãe:

- Socorro, uma bruxa!

A bruxa transformou as três filhas em três porquinhos e, quando a mãe delas viu isso, transformou suas filhas em gente de novo. A rainha transformou também a bruxa em porco e teve sua festa em paz.

O PINÓQUIO, O GATO DE BOTAS E O REI

Autor: J.

O gigante queria destruir tudo. O gato de Botas e o Rei decidiram que não iam deixar. Mas o Pinóquio falou para o rei:

- *Ele não vai destruir não, é tudo mentira.*

O rei falou:

- *Vai embora Pinóquio.*

O Pinóquio respondeu, dando risada:

- *É mentira! Ra ra ra ra!*

FIM

BRUXA

Autor: Mu.

A bruxa gosta de ficar na floresta para pegar folha com veneno.

Com a folha era vira velhinha para virar a pessoa em sapo.

Ela quer que todo o planeta Terra seja dela:

Mogi Mirim, São Paulo... tudo será dela!

O REI E O SACI

Autor: L.

Era uma vez um saci,

ele encontrou o rei e o rei ajudou o saci.

Os dois viraram amigos para sempre.

E nunca mais o saci ficou sozinho.

Fim

A história “Velhinho, três irmãos, três irmãs e a rainha” descreve no início uma rainha que tinha três filhas. Em seguida, os acontecimentos com os três irmãos que surgem na história de M. assemelham-se com os do conto “O ganso dourado”. No antepenúltimo parágrafo, contudo, a história se fundiu com acontecimentos do conto “Rapunzel”, criando assim um novo enredo que uniu os personagens de dois distintos contos.

A aluna Me. uniu a Fadinha Polegar e os personagens do conto da Branca de Neve para que algum destes conseguissem fazer rir a princesa que nunca ria. Logo, o conto “Trapalhadas Juntas” terminou dando o mérito do riso da princesa aos sete anões, dizendo que a partir de então tudo ficou bem.

Semelhante a esse processo de criação que buscou juntar personagens de vários contos, “Uma história linda de uma mãe”, escrita por A., relatou como uma mãe foi atrás dos três porquinhos e do ganso quando estes foram levados pela

bruxa. Nessa história, o enredo típico dos contos de fadas complementou-se com elementos da vivência de A., como o mercado e a polícia que pega a bruxa. Além de ter acolhido os animais, a mãe também acolheu os sete anões e a história terminou como é característico dos contos de fadas: viveram felizes para sempre.

Em “A rainha de ouro”, F. narrou os preparativos de uma festa no qual uma bruxa entra sem ser convidada. Sorte que a mãe também sabia fazer feitiços mágicos! A história envolveu elementos presentes em muitos contos de fadas: a rainha, uma grande festa, a bruxa, um feitiço, um final feliz. Ela não se apropriou de personagens específicos de um ou de outro conto, mas sim desses elementos comuns presentes nos contos de fadas.

A forma sintética de narração dos três últimos textos citados nesta primeira análise deve-se ao fato de que estes alunos estavam nas primeiras fases de apropriação das técnicas da produção escrita. Para esses textos, foi necessária uma nova forma de diagramação na hora de incluí-los no livro, pois assim não se distinguiriam visualmente dos demais quanto ao tamanho.

Todavia, esses textos também apresentaram características de criação tão ricas quanto os demais. A história de J., intitulada “O Pinóquio, o Gato de Botas e o Rei”, uniu esses personagens para que juntos não deixassem o gigante destruir tudo. No entanto, uma reviravolta aconteceu quando o rei expulsou o Pinóquio. É uma narrativa sem um desfecho, mas que em poucas palavras conseguiu unir elementos para criar um novo conto.

É possível afirmar o mesmo do conto de Mu., titulado “Bruxa”, que apropriou-se daquilo que uma bruxa representa nos contos de fadas para criar um enredo no qual o objetivo foi mostrar os anseios desta personagem.

Por fim, a história “O rei e o saci”, criada por L., transpassou o universo dos contos de fadas, unindo originalmente um rei com um personagem do folclore brasileiro.

Como sinaliza Rodari (1982, p.58), “o híbrido também tem o seu fascínio”. Combinadas, mesmo as imagens mais comuns, nesta salada de contos conhecidos, parecem ressurgir, oferecendo aspectos inéditos, novas facetas à apreciação do leitor.

Dentre todos os contos criados pelas crianças e presentes no livro deste 4º ano, há duas histórias que se distinguiram por serem textos curtos sem um começo, meio e fim. As histórias são essas:

O DINOSSAURO REI

Autor: W.

Um dinossauro rei é um dinossauro muito forte.

Ele solta fogo pela boca e é muito fortão.

Quando ele luta com o inimigo ele sempre vence.

FIM

PATETA

Autor: V.

Um meteoro caiu e o ganso fugindo do meteoro caiu na caverna.

Quando o ganso estava em perigo dentro de uma caverna, ele caiu rápido nessa vida.

O Pateta, com sua espada de ouro maciço, pulou e saiu com o ganso da caverna que tinha cavalos com armadura de ouro.

Ambas as histórias foram escritas por meninos. Elas não são as únicas histórias curtas do livro produzido pelos alunos desse 4º ano, no entanto apresentam características que parecem ser da linguagem dos jogos de vídeo-game, como identificou Ometto (2005) em um estudo que também analisava produções de textos em contexto escolar. Diz a autora:

Em um vídeo-game, mais do que o enredo – que ao mesmo tempo existe e não existe, uma vez serve apenas para situar o cenário e caracterizar o personagem e seus modos de ação -, o que interessa é a sucessão de ações. Sucessão que se explica como etapas do jogo, reduzindo a relação causa/efeito existente entre as ações, à relação ganhar/perder. Ao ganhar passa-se para a etapa seguinte, e ao perder reinicia-se a etapa em que se estava. Dentro dessa lógica, o tempo narrativo e os efeitos das ações dos personagens desfazem-se a cada re-início, que apaga o vivido. O efeito é de que a história não tem conseqüências, não tem fim, basta reiniciá-la. (OMETTO, 2005, p.124)

Essa ausência de um enredo e a ênfase no ganhar ou perder ficam evidentes quando se tem como desfecho do texto de W. a frase: "luta com o inimigo e sempre vence".

Na narrativa de V. é marcante a sucessão de ações que ocorrem sem nenhuma explicação: o meteoro cai, o ganso cai numa caverna fugindo do meteoro, o Pateta pula e salva o ganso. O Pateta aparece na história somente para salvar o ganso, enquanto o surgimento dos cavalos com armadura de ouro é tão desconexo que não fica claro se esses cavalos estavam na caverna ou com o Pateta.

O Pateta e o ganso da história de V., no entanto, são personagens do conto “O ganso Dourado”, dos Irmãos Grimm. Essa história foi trabalhada com a turma logo no início do projeto e V., apropriando-se dessas personagens, criou uma nova história marcada pela lógica dos vídeo-games.

Outras três histórias me mostraram a influência da indústria cultural através da presença de personagens que pertencem a desenhos animados e filmes.

A VAIDOSA BRUXA

Autor: I.

Era uma vez uma bruxa muito vaidosa que vivia em uma caverna. Bem longe tinha também um reino em que viviam Pinóquio, Três Porquinhos, Patinho Feio, Marinheiro Popai e o Pica-Pau.

Um dia o Pica-Pau estava na árvore, o Marinheiro Popai estava passeando e os Três Porquinhos passeavam pela floresta. De repente, apareceu uma bruxa na floresta e eles saíram correndo e foram contar para o Popai.

O Popai também saiu correndo e voltou para sua casa para contar ao Pica-Pau.

O Pica-Pau não fez nada, só contou para o Pinóquio que contou para o Patinho Feio, que também saiu correndo.

O Popai resolveu então sair atrás dela. Ele estava andando pela floresta quando a bruxa o pegou, levando ele para sua caverna. Ela o amarrou e os outros começaram a estranhar.

Três dias se passaram e nada do Popai. Os outros começaram a procurar e não achavam nada porque procuraram por todo lado, menos na caverna da bruxa.

Quando eles chegaram na caverna, os Três Porquinhos caíram na armadilha que a bruxa tinha feito. O Pica-Pau foi até a bruxa e ficou bicando ela e os outros a amarraram e soltaram o Popai.

O GATO DE BOTAS E O SHREK

Autor: Lu.

Era uma vez um burro que encontrou o Shrek num castelo com muitos guardas. Ele ajudou o Shrek a fugir.

Depois o Shrek encontrou os porquinhos, os levou para sua casa e ofereceu-lhes alguns olhos.

Então o Shrek encontrou o gato de botas e ele não queria mais que o gato andasse com ele porque o gato fez armadilhas para o Shrek. Mas o Shrek não era bobo e conseguiu fugir. O gato abandonou o Shrek.

AS FADAS QUE VALEM OURO

Autora: La.

Um belo dia uma fada chamada Mebleu estava descansando até que apareceram outras fadinhas:

- Ei, você, como se chama?

- Ela não se chama nada porque como uma fada sem asas poderia chamar alguma coisa?

- Mebleu, olha, não liga para elas. Elas nem sabem que a Tolpas foi seqüestrada. – disse uma amiga de Mebleu.

- O quê? A Tolpas foi seqüestrada?

- Sim – respondeu Mebleu – está todo mundo falando disso por aí, vocês não percebem que são as únicas fadas do campo mágico que não vão às suas casas?

- Eu e minhas amigas vamos para um lugar seguro.

Depois disso, Mebleu foi dormir. Pelo menos ela teria um bom sonho.

No dia seguinte, Mebleu foi acordada:

- Fada do campo, acorde! É estranho a Biny não ter cantado para nos acordar!

A rainha malvada estava prendendo as fadinhas na sua prisão. Quando Mebleu descobriu isso, foi salvá-las. A rainha disse:

- Você não vai conseguir soltá-las, você quer uma asa? Posso te dar tudo o que você sempre quis.

- Eu não quero asas, eu quero minhas amigas!

Mebleu não obedeceu a rainha e salvou suas amigas. Como recompensa, Mebleu recebeu um presente de suas amigas: asas.

- Vamos, experimente! – disseram as amigas!

Mebleu experimentou e disse:

- Eu to voando!!!

Os três textos são estruturados conforme uma narrativa de contos de fadas, apresentando começo, meio e fim. Todavia, o texto de I. mistura personagens de contos de fadas com personagens de desenho animado (Marinheiro Popeye e Pica-Pau). Esses personagens, presentes nas telinhas da televisão, mostram a influência desse meio de comunicação na vida das crianças. Segundo Belloni e Gomes (2008):

Por sua presença incontornável na vida cotidiana da grande maioria das crianças do planeta, a televisão é a mídia de maior alcance e importância nos processos de socialização das novas gerações. A internet, com certeza, está se acrescentando a este processo, tendendo a substituir alguns, mas

não todos, usos da televisão. O poder de influência destas mídias é enorme, dificilmente mensurável em toda sua complexidade. (p.723 e 724)

Por sua vez, os enredos dos filmes infantis, assim como os personagens destes, apareceram como inspiração para a criação das histórias “O Gato de Botas e o Shrek” e “As fadas que valem ouro”.

Lu claramente se baseou em trechos do filme “Shrek 2”² durante a criação de sua história. Assim, tanto o filme quanto a narrativa de Lu apresentam como personagens o burro, os três porquinhos, o gato de botas e o próprio ogro verde chamado Shrek.

Como estávamos trabalhando com contos de fadas, possivelmente o filme representou para Lu uma história que também fazia parte desse gênero, inclusive por possuir personagens que foram citados durante o trabalho com a ficha “Inventando meu conto de fadas”. De fato, podemos dizer que o enredo de Shrek mistura elementos e personagens dos contos de fadas para criar uma nova história, com momentos engraçados e românticos, mas também apresentando uma grande inovação no gênero quando é o ogro que salva a princesa e se casa com ela. Aliás, tanto o príncipe quanto a fada madrinha são os vilões da história, sendo que o Shrek, apesar de querer parecer bravo e assustador como um verdadeiro ogro, é na realidade o herói que, mesmo sem querer, acaba conquistando a amizade de todos, inclusive do burro que se torna um amigo inseparável.

A aluna La também se baseou em trechos e personagens do filme “Barbie Fairytopia”³. Lembro-me que seu objetivo, no início, era escrever tudo o que se passa no filme que ela assistiu muitas vezes por possuir o DVD, como me contou no dia que escreveu sua história. No entanto, após perceber que a história ficaria muito grande e que levaria tempo demais para escrever, La resolveu sintetizar os principais acontecimentos, originando por fim uma narrativa que se distingue do enredo do filme.

Os elementos da indústria cultural (vídeo-games, filmes, desenhos animados da televisão), adentram o universo escolar, no entanto, como disse Ometto (2005, p.131), é necessário que a escola compreenda e explore seus efeitos, “para que deles, alunos e professora possam apropriar-se e decidir como, quando, para quê e

² **SHREK 2**. Produção de Jeffrey Katzenberg, David Lipman, Aron Warner e John H. Williams. Direção de Andrew Adamson, Kelly Asbury e Conrad Vernon. Dreamworks (105 min), 2004, DVD.

³ **BARBIE FAIRYTOPIA**. Direção: Walter Martishius. Universal Pictures, 2004, DVD.

com quem utilizá-lo”, uma vez que é inevitável sua presença no processo de criação infantil, pois atualmente eles integram a vivência pessoal das crianças, compondo diversos campos da vida cultural humana.

Em algumas das narrativas produzidas, problemas sociais como a pobreza, a criminalidade e a preservação ambiental foram explicitados pelas crianças.

Como sinaliza Rodari (1982, pp. 62-63), é inevitável que no jogo da imaginação a realidade de um drama social precipite-se com seus conteúdos políticos e ideológicos, indiciando valores que devem ser questionados e interpretados.

O REI

Autor: L. W.

Era uma vez um rei legal que dava o dinheiro aos pobres e casa aos mendigos. Certo dia chegou uma bruxa na floresta. Ela era a irmã do rei e tinha virado uma bruxa porque o pai deles deu tudo para o rei, pois este fazia coisas no castelo enquanto ela era preguiçosa.

Então a bruxa fez macumba para o rei que parou em um hospital e quase perdeu a vida.

Quando voltou para o castelo a bruxa estava lá e falou:

- Conseguiu sair do hospital? Eu fiz aquela macumba para você.

O rei falou gritando:

- Então foi você que fez aquela macumba comigo?

E a bruxa falou:

- Foi sim!

O rei saiu correndo para bater nela e ela soltou um poder que fazia o rei virar sapo. Só que nessa hora alguém tacou um espelho e revirou o feitiço que fez a bruxa virar sapo.
FIM

A FADA MILAGROSA

Autora: A.L.

Era uma vez uma fada chamada Gabi. Ela estava passeando no seu jardim quando avistou uma bela menina que estava triste. A menina se chamava Ana.

Ana disse:

- Fada Gabi, você pode me dar uma casa, comida, roupa, sapatos, dinheiro e um carro?

- Sim, seu desejo será realizado.

A Fada disse também para a flor:

- Quer mais água?

E a flor respondeu:

- Sim, obrigada Fada Gabi.

FIM

SÍTIO DO GANSO

Autor: L. A.

Era uma vez um rei que morava no castelo junto com a rainha. O Pateta que morava no sítio roubava os ovos do rei que tinha um ganso de ouro.

Um dia o Pateta foi roubar novamente o rei, entrou no castelo e roubou os ovos. O rei ligou para os policiais e disse que foi roubado pelo Pateta.

Os policiais moravam na floresta e foram para o sítio. Eles quase prenderam o Pateta mais ele escapou pela janela.

Quando o rei catou o Pateta disse para ele não roubar, mas não adiantou.

Então o policial fez uma armadilha. O rei e a rainha nem sabiam. Pateta foi roubar, caiu na armadilha e foi preso.

O rei e a rainha foram felizes para sempre.

A FAMÍLIA DO PRÍNCIPE E DA RAINHA

Autora: Lo.

Era uma vez um Príncipe e uma Rainha que casaram escondidos. Os pais do príncipe não gostavam da rainha e nem os pais da rainha gostavam do príncipe porque quando a mãe da rainha ia se casar com o pai do príncipe, ela fugiu com outro.

Muitos e muitos anos depois o pai da rainha morreu e a rainha e sua mãe choravam quando os outros perguntavam sobre ele, porque elas gostavam muito dele.

Um dia o irmão da rainha ficou com dor de barriga e sua mãe não tinha dinheiro para comprar remédio. Então uma princesa deu o dinheiro e a rainha foi comprar.

Algum tempo depois seu irmão sarou.

FIM

O FILHO QUE MATOU O PAI E ACHOU OUTRA MÃE

Autor: P. E.

Era uma vez um homem que teve três filhos e o mais novo chamava-se Pateta. A mãe do Pateta morreu e ele conheceu outra mãe na Argentina, matou o pai dele, catou os

órgãos, o rim, a churrasqueira e fizeram uma festa. Para comer colocaram os órgãos e o rim.

Na Argentina, eles já estavam passeando fazia mais de meia hora e a mulher da passagem para a praia não ligou.

O filho falou:

- Mãe, essa mulher não vai mais ligar!

- Filho vamos embora então, ela vai me convidar e eu também não vou só para ela aprender. Não vou ser mais amiga dela!

O REINO DA FLORESTA AMAZÔNICA

Autor: Al.

Era uma vez um reino perdido no mato. O rei muito bondoso falou para os animais não deixarem os homens destruírem a floresta amazônica, senão o nosso país Brasil será destruído assim como o resto do mundo.

O rei, a rainha, a princesa, o bobo da corte chamado Pateta, seus pais e seus três irmãos que ajudavam na cozinha foram então para a floresta amazônica antes que acabassem os rios e os animais. Assim o rei ficou sabendo que a floresta foi salva e tudo voltou ao comum.

FIM

A MÃE QUE TINHA UM GANSO DE OURO

Autora: A. P.

Um dia uma mãe tinha três lindas filhas e todos se orgulhavam delas. Quando a mãe pedia alguma coisa, elas obedeciam.

A mãe não deixava elas ficarem na rua. Aonde ela ia, as três filhas tinham que ir também.

O pai delas trabalhava numa firma e a mãe na fazenda. Lá na fazenda tinham frutas para comer e animais para as filhas brincarem.

Um dia a mãe mandou suas filhas entrarem para tomarem banho e trocarem de roupa para sair. Mas quando elas saíram de casa a mãe se esqueceu de uma coisa: trocar a água dos animais.

Depois de fazerem isto, a mãe e as filhas saíram.

Então o pai chegou e encontrou a porta trancada. A mãe estava na casa da mãe dela com as três filhas e o pai decidiu ir até lá. Eles vieram embora e a mãe deixou suas filhas ficarem lá fora até a hora de mandar elas comprarem comida.

As filhas foram, comeram e voltaram a brincar lá fora.

FIM

A presença de questões sociais tanto se deve às experiências das crianças e ao que ouvem os adultos valorizarem em suas relações cotidianas, tais como a ajuda aos pobres, a obediência filial, o recurso a feitiços, como também a um discurso escolar em que elas reconhecem a valorização de alguns posicionamentos assumidos como uma voz escolar, como se evidencia no conto de AI. sobre a preservação da floresta amazônica.

Há também referências a práticas ouvidas pelas crianças nas narrativas familiares ou na crônica policial como os roubos, a prisão resultante da ação policial, o assassinato de pais, a extração de órgãos. Questões que intrigam as crianças, que povoam seu imaginário e nele se misturam a soluções mágicas, como a sempre retomada citação da destruição do mal através de seu próprio reflexo (“Só que nessa hora alguém tacou um espelho e revirou o feitiço que fez a bruxa virar sapo”). Nas histórias das crianças reaparecem temas caros à humanidade, que nos reenviam aos nossos contos de origem.

O APRENDIZADO: BREVES COMENTÁRIOS A GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Aprender a ser professora não é uma tarefa fácil. Como destacam Fontana e Guedes-Pinto (2002), na vivência do cotidiano escolar, mediados pelos sujeitos que dele participam e a ele dão vida, os educadores em formação vão, aos poucos, olhando sob diversas perspectivas e possibilidades aquela realidade que, a cada vivência, passa a ser mais próxima de sua realidade e constitutiva de sua subjetividade.

A experiência de trabalhar com os alunos de um quarto ano o processo de criação de textos possibilitou-me compreender o quanto a realidade escolar é repleta de desafios diários. Em todo esse processo havia alunos que se recusavam a fazer, que apresentavam certa resistência e diziam “eu não sei, eu não consigo”. Desistir era um caminho fácil e uma alternativa rápida. Mas a insistência para que não desistissem trouxe a alguns confiança, mostrando que eram capazes de inventar, criar, imaginar.

Também aprendi, como professora a não desistir de um trabalho e entender que quando nos propomos a ensinar algo a alguém um longo processo tem início e, em se tratando de uma classe inteira, não há como esperar um processo único e homogêneo. No caso deste trabalho em específico, todas as crianças produziram uma história, como era o objetivo do projeto, mostrando a própria diversidade presente em uma sala de aula. As histórias variaram em relação a temas, personagens, cenários e, sobretudo, na qualidade da narrativa escrita. O fato de as crianças as terem produzido evidenciou uma grande tarefa a ser cumprida dali para frente, no sentido da apropriação e elaboração da narrativa, dos recursos da língua escrita e das regras que norteiam seu uso.

O processo do trabalho também me ensinou a importância do planejamento e da organização da professora, pois foi preciso em muitos momentos pensar e repensar em como orientar as crianças, em como conduzir as análises pensadas para cada item do roteiro de produção do conto. Aprendi a planejar melhor, a considerar o tempo que a atividade ocuparia, a experimentar e a conhecer os alunos que, apesar de não serem “meus”, ajudaram em minha constituição como professora.

Quando as atividades não deram totalmente certo, como foi o caso da descrição dos personagens, aprendi que precisava refletir sobre o que tinha ocorrido neste dia e analisar quais medidas poderiam ser mais eficazes na busca dos objetivos almejados.

O projeto poderia ter sido aprofundado em termos do desenvolvimento da própria narrativa e quanto às questões de ortografia, paragrafação, pontuação, repetição desnecessária de frases e palavras pois, como foi dito por Vigotski (2009), notei que as crianças mesmo sabendo escrever possuem dificuldade na hora de expressar seus pensamentos através da escrita. Desde a primeira reescrita deles percebi que havia a necessidade deste trabalho, no entanto o meu tempo de estágio não chegou nem perto de ser o suficiente para isto. Por este mesmo motivo, ao montar a coletânea com as histórias criadas e escritas pelos alunos, acertei a ortografia e a pontuação das histórias “originais”, escritas à mão, sem modificar o enredo e o sentido das histórias escritas pelos alunos.

Essa experiência me fez considerar questões que aparecem formuladas por Vigotski (2009) em seu livro sobre a criação literária na infância. Ele se perguntava sobre a importância de ensinar a narrar por escrito para as crianças diante de sua dificuldade tanto para escrever quanto para compreender a beleza de representar a vida na palavra escrita. Por que e como ensinar-lhes a desenvolver uma trama por escrito, sabendo-se que suas produções, tanto em termos de conteúdo quanto de técnica são, em sua maioria imitativas e primitivas?

E ele próprio responde que a importância dessa atividade está no próprio desenvolvimento cultural da criança que deve ser orientado pelo adulto.

Todos que observam a criação literária infantil perguntam-se: qual é o sentido dessa criação se ela não pode formar na criança um futuro escritor, criador, se ela é somente um fenômeno breve e esporádico no desenvolvimento do adolescente que, posteriormente, retrai-se e, às vezes, desaparece por completo? O sentido e o significado dessa criação é que ela

permite à criança fazer uma brusca transposição no desenvolvimento da imaginação criadora, que fornece uma nova direção para a sua fantasia e permanece por toda a sua vida. O seu sentido é que ela aprofunda, amplia e purifica a vida emocional da criança, que, pela primeira vez, é despertada e afinada num tom sério. Por fim, seu significado é que ela permite à criança, ao exercitar seus ímpetos e capacidades criadoras, dominar a fala humana – esse instrumento delicado e complexo de formação e de transmissão do pensamento, do sentimento e do mundo interior. (2009, p.95-96)

Essa mesma compreensão é defendida por Rodari (1982, p.140), quando afirma que:

a imaginação da criança, estimulada a inventar palavras, aplicará os seus instrumentos sobre todos os traços da experiência, que provocarão sua intervenção criativa. As fábulas servem à matemática como a matemática serve às fábulas. Servem à poesia, à música, à utopia, à política: em suma, ao homem inteiro, e não só ao fabulista. [...] Servem ao homem completo. Se uma sociedade baseada no mito da produtividade (e na realidade do lucro) precisa de homens pela metade – fiéis executores, diligentes reprodutores, dóceis instrumentos sem vontade própria – é sinal de que está mal feita, é sinal de que é preciso mudá-la. Para mudá-la, são necessários homens criativos, que saibam usar sua imaginação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete. **Contos e Histórias de Mulheres**. Campinas, SP: [s/n], 1997.

_____. Contos de Perrault, imagens de mulheres. **Cad. CEDES** [online], vol.19, n.45, p. 80-98, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 11 out. 2009.

ARGENTO, Renata; SILVA, Ezequiel Theodoro da (co-aut.). **A problemática da inclusão/exclusão em literatura infantil: o caso de "O patinho feio"**. Campinas, SP: [s.n.], 2002. 40 f.

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

BELLONI, Maria Luiza; GOMES, Nilza Godoy. Infância, Mídias e Aprendizagem: autodidaxia e colaboração. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 29, n. 104, Out. 2008. p. 717 - 746. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 8 agosto 2011.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. 363p. (Literatura e teoria literaria; v.24).

BETTELHEIM, B. **Na terra das fadas - Análise dos personagens femininos**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

CHVATAL, Vera Lúcia Soares. Contos de fadas: histórias para crianças ou metáforas para a vida humana?. Disponível em <http://www.fae.br/cur_psicologia/literaturas/A%20Bela%20e%20a%20Fera.pdf> Acesso em: 11 out. 2009.

COLASANTI, Marina. **Fragatas para Terras Distantes**. Rio de Janeiro: Record, 2004. 266p.

_____. Uma idéia toda azul. 8 ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979. 64p.

CONDE, Narriman Rodrigues. **Os contos de fadas na sala de aula: um diálogo com textos de crianças**. Campinas, SP: [s/n], 1996.

FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 1990. 241 p. (Coleção amor e psique).

FONTANA, Roseli Aparecida Cação; GUEDES, Ana Lúcia. Trabalho escolar e produção do conhecimento. IN: NETO, A. e MACIEL, L. (orgs). **Desatando os nós da formação docente**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

GRIMM, Wilhelm; GRIMM, Jacob e LOBATO, Monteiro (co-aut.). **Contos de Grimm**. São Paulo: Ed. Nacional, 2006. 158 p.

JARDIM, Maria Ferreira. O conto juvenil brasileiro: características e tendências. **Revista Ciência & Letras** [online], Porto Alegre, n. 34, p. 213-233, jul/dez 2003. Disponível em <<http://www2.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista34/art19.pdf>> Acesso em: 11 out. 2009.

MACHADO, Ana Maria. Apresentação: Um eterno encantamento. IN: **Contos de fadas**: de Perrault, Grimm, Andersen e outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MELLO, Suely Amaral. O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições de Vygotsky. In: FARIA, Ana L. e MELLHO, Suely (orgs.) **Linguagens infantis – outras formas de leitura**. Campinas: Autores Associados, 2005, p.23-40

OMETTO, Cláudia Beatriz de Castro Nascimento. **A prática de produção de textos nas séries iniciais do ensino fundamental**: as mediações da professora e o desenvolvimento da reflexividade nas crianças. Piracicaba, SP: [s/n], 2005. 204 p.

BERG, Sílvia. Apresentação. IN: GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm (co-aut.). **Contos de fadas**. São Paulo: Iluminuras, 2008. p 7-11.

PIMENTEL, Alessandra. Vygotsky: uma abordagem histórico-cultural da educação infantil. IN: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuki Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (orgs). **Pedagogias da Infância: Dialogando com o passado: Construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 219- 248.

RIZZOLI, Maria Cristina. Leitura com letras e sem letras na educação infantil no norte da Itália. IN: In: FARIA, Ana L. e MELLHO, Suelly (orgs.) **Linguagens infantis – outras formas de leitura**. Campinas: Autores Associados, 2005, p.5-22.

RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia**. São Paulo: Summus, 1982. 9ª ed.

SNYDERS, Georges. **Alunos Felizes: Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 3ª ed.

SOUZA, Silvana Ferreira de. As Histórias em quadrinhos como instrumentos de acesso aos clássicos universais da literatura. **Linha mestra**, Campinas, ano II, nº. 7, Artigo 2, março/abril 2008. Editora: ALB – Associação de Leitura do Brasil. Disponível em: <http://www.alb.com.br/revistas/revista_07/art2_07.asp>. Acesso em: 13 set. 2009.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.